

A Bíblia Merece Confiança?



A Bíblia Merece Confiança?

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É PARA SER VENDIDA.

É um serviço educacional de interesse público, publicada pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*.

© 2012, 2016 Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional
Todos os direitos reservados. Impresso nos EUA
As Escrituras aqui citadas, salvo referido em contrário,
são extraídas da versão da Bíblia de
João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC), SBB 1998.

Índice

- 3 Um dos Livros Mais Populares do Mundo**
- 6 Em Suas Próprias Palavras: Grandes Homens e Mulheres que Demonstraram um Grande Respeito pela Bíblia
- 8 A Bíblia no Mundo Moderno**
- 12 O Preconceito da Humanidade Contra o Sobrenatural
- 14 A Bíblia e a Astronomia**
- 20 Idade da Terra: A Bíblia Indica um Intervalo de Tempo Entre o Primeiro e o Segundo Versículo de Gênesis?
- 23 A Bíblia e a Arqueologia**
- 31 Ciro da Pérsia: As Palavras de um Profeta se Cumpriram
- 32 A Surpreendente Descoberta Arqueológica: O Poderoso Império Assírio Emerge das Cinzas
- 34 A Existência do rei Davi Confirmada por Inscrição
- 36 A Arqueologia confirma a existência de determinadas pessoas mencionadas na Bíblia?
- 40 A Bíblia e a Ciência**
- 56 Os Escritores Bíblicos: Homens de Deus e da Ciência
- 58 A Bíblia e a Profecia**
- 72 As Condições Atuais do Mundo Foram Preditas na Bíblia Há Muitos Séculos
- 75 A Bíblia e Você...**
- 79 A Bíblia Contém Erros?

Versões Bíblicas

As escrituras citadas são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC).

Quando outra versão é usada, a versão bíblica é referenciada com as seguintes abreviações:

- ARA – Almeida Revista e Atualizada
- ACF – Almeida Corrigida Fiel
- BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje
- NVI – Nova Versão Internacional

Um dos Livros Mais Populares do Mundo

Em 16 de março de 1985, o jornalista Terry Anderson foi sequestrado nas ruas de Beirute, no Líbano. Como um peão político, ele foi mantido refém por dois mil quatrocentos e cinquenta e quatro dias—quase sete anos. Durante essa provação dolorosa o senhor Anderson demonstrou uma notável coragem, embora, várias vezes, tenha sido pressionado até quase chegar ao seu limite.

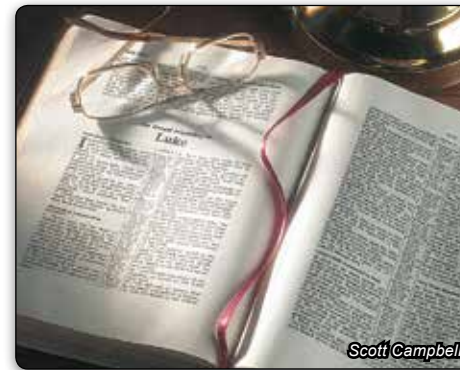
No primeiro dia de confinamento seus sequestradores o forçaram, com a arma em punho, a entrar para dentro de seu carro, então o levaram a um prédio de apartamentos em construção. Chegando lá, eles o vendaram e acorrentaram a uma cama.

Durante seus primeiros vinte e quatro dias acorrentado, amarrado e contido como um animal, ele se esforçou para encontrar uma maneira de manter sua sanidade. Percebendo a necessidade de reunir coragem e força de algum lugar, ele pediu a seus captores uma Bíblia.

Em suas memórias o senhor Anderson relata o resultado desse pedido: “No dia seguinte, no final da tarde, o guarda, que falava inglês, entrou e jogou um objeto pesado sobre a cama. Ao me aproximar do objeto apalpei a capa de um livro. O guarda deu a volta até cabeceira da cama. “Está bom?” “Sim, muito bom, obrigado”.

“Eu removi cautelosamente um pouco de minha venda, até que eu pudesse ver o livro . . . A Bíblia, Versão Padrão Revista. Eu acariciava-a suavemente . . . Eu li a página do título, as informações da publicação e dos direitos autorais, as notas dos editores, aos poucos, e cuidadosamente. Então: Gênesis. ‘No princípio . . .’” (Terry Anderson, *Na cova dos Leões*, 1993, págs. 14-15).

Quantas vezes, em situação de crise, homens e mulheres têm buscado a ajuda da Bíblia? O valor da Palavra de Deus é reconhecido nesses momentos de incerteza, desconforto e apreensão.



Um best-seller perpétuo

A Bíblia Sagrada é considerada por milhões como a Palavra escrita do único Deus verdadeiro. De fato, a Bíblia reivindica essa distinção. Aos olhos de muitas pessoas, ela é altamente respeitada como uma coleção de algumas das maiores literaturas do mundo.

A Sociedade Bíblica Americana, entidade sem fins lucrativos, tem, em mais de cento e oitenta anos de sua existência, distribuído mais Bíblias do que o número de habitantes do planeta—cerca de 8,5 bilhões. A Sociedade Bíblica Inglesa distribuiu muitos milhões de exemplares em dezenas de idiomas.

Mais de cem milhões de novas Bíblias, em vários idiomas, são vendidas ou oferecidas gratuitamente a cada ano. Existem traduções em mais de duas mil línguas e dialetos.

Hoje a Bíblia é particularmente popular onde o inglês e português é falado. É “o livro mais conhecido no mundo de fala inglesa . . . Ninguém no mundo de idioma inglês pode ser considerado alfabetizado, sem um conhecimento básico da Bíblia” (ED Hirsch Jr., Joseph Kett e James Trefil, *O Dicionário da Alfabetização Cultural*, 1988, pág. 1). Então, dentro do mundo de fala inglesa, mesmo aonde outras religiões, além do cristianismo, dominem, um conhecimento básico da Bíblia é essencial para que alguém seja considerado um cidadão educado. O mesmo está a acontecer com os de fala portuguesa, particularmente no Brasil.

Há demasiada negligência para que a Bíblia possa ser levada a sério. Eles não reconhecem a Bíblia pelo que ela é—o manual para a humanidade, providenciado por Deus para a nossa jornada pela vida.

“As pessoas cultas da Índia, onde as tradições religiosas não são baseadas na Bíblia, mas cuja linguagem comum é o inglês, têm que conhecer a Bíblia para entender inglês no seu próprio país. Todas as pessoas educadas que falam . . . inglês precisam entender o que quer dizer quando alguém descreve uma disputa entre Davi e Golias, ou se uma pessoa que tem a ‘sabedoria de Salomão’ é esperta ou tola . . .” (ibidem).

Muitos percebem a grande influência da Bíblia. Em uma pesquisa realizada pela Biblioteca do Congresso e pelo Clube do Livro, se perguntava aos leitores sobre qual livro tinha mais influência em suas vidas. Qual estava no topo da lista? A Bíblia! E em uma pesquisa de 1938 do Instituto Gallup a Bíblia foi considerada o mais interessante de todos os livros que se leram naquele ano. Ela foi avaliada pela maioria como um livro de lei-

tura mais interessante do que o romance *E o Vento Levou* [*Gone with the Wind*], de 1930. No entanto, na Grã-Bretanha extremamente secular não foi o caso. Em uma pesquisa britânica similar, a Bíblia ficou no trigésimo quinto lugar em uma lista de cinquenta livros.

A Bíblia é citada por estadistas, políticos, filósofos, poetas e até por astronautas em órbita. Pessoas de todas as esferas da sociedade têm encontrado em suas páginas as palavras certas para inúmeras situações. Seu discernimento, muitas vezes é a companhia ideal para momentos de admiração e inspiração, estresse e angústia, confusão e dúvida.

A Bíblia é negligenciada

No entanto, apesar de toda a atenção dada à Bíblia, seu valor é subestimado. Quando sondamos um pouco mais, podemos ver que a Bíblia é elogiada e até mesmo reverenciada, mas também vemos um livro cujo conteúdo muitas vezes é pouco lido e menos ainda compreendido.

Grande parte do mundo é biblicamente analfabeto. Em seu livro, de 2007, *Alfabetização Religiosa: O Que Cada Norte-americano Precisa Saber—e Não Sabe* [*Religious Literacy: What Every American Needs to Know—and Doesn't*], Stephen Prothero, presidente do departamento de religião da Universidade de Boston, documenta o abissal desconhecimento dos norte-americanos sobre o que diz a Bíblia. Abaixo algumas de suas descobertas:

- Metade dos adultos norte-americanos não consegue nomear nem mesmo um dos quatro Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João).
- A maioria não sabe o nome do primeiro livro da Bíblia (Gênesis).
- Dois terços deles não saberia dizer que foi Jesus quem deu o Sermão da Montanha.
- A maioria acha que a Bíblia diz que Jesus nasceu em Jerusalém (Ele nasceu em Belém).
- Um em cada dez acredita que Joana d’Arc era a esposa de Noé.

Há demasiada negligência para que a Bíblia possa ser levada a sério. Eles não reconhecem a Bíblia pelo que ela é—o manual para a humanidade, providenciado por Deus para a nossa jornada pela vida. É uma fonte a ser consultada em todas as situações da vida, com diretrizes para o triunfo e a adversidade, a alegria e a tristeza, a prosperidade e a pobreza, a confiança e a dúvida.

A própria Bíblia afirma a sua autoridade divina e alega ser a genuína Palavra de Deus. Ela declara ter o conhecimento do propósito da humanidade—alcançar nosso incrível destino planejado pelo Criador. Ela provê encorajamento, orientação e direção em todas as situações.

Mas a Bíblia pode resistir a um exame minucioso? Ela é verdadeira somente porque alega ser? Você pode—ou deveria—acreditar nela?

Nos capítulos seguintes, veremos se a Bíblia destaca-se como a própria Palavra de Deus.

Em Suas Próprias Palavras: Grandes Homens e Mulheres que Demonstraram um Grande Respeito pela Bíblia

Historicamente, a Bíblia sempre teve a mais alta estima de muitos grandes homens e mulheres—presidentes, primeiros-ministros, monarcas, estudiosos, cientistas, filósofos e muito mais. A seguir veremos o que alguns deles têm dito sobre a Bíblia.

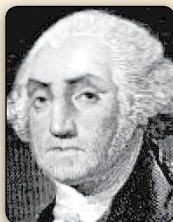
O brilhante estudante e filósofo alemão Immanuel Kant disse: “A existência da Bíblia, como um livro para o povo, é o maior benefício que a raça humana já experimentou. Toda tentativa de menosprezá-la é um crime contra a humanidade”.



“Há mais marcas certas da autenticidade Bíblica do que de qualquer história profana.”—Isaac Newton, pai da física e astronomia moderna.

O lorde Francis Bacon, conhecido como o pai do método científico, escreveu: “Há dois livros postos diante de nós para estudar e para evitar cairmos no erro: primeiro, o volume das

Escrituras, que revelam a vontade de Deus, e então o volume das Criaturas [Criação], que expressam seu poder”.



“É impossível governar o mundo com justiça sem Deus e a Bíblia.”—George Washington, primeiro presidente dos Estados Unidos.

Wernher von Braun, considerado o pai do programa espacial americano, escreveu: “Nesta era de voo espacial, quando usamos as ferramentas modernas da ciência para avançar em novas regiões da atividade humana, a Bíblia—esta grandiosa história agitada da revelação gradual e do desdobramento da lei moral—continua sendo, em todos os sentidos, um livro atualizado”.

O grande dramaturgo inglês lorde Walter Scott escreveu: “O mais estudioso, dedicado e diligente não pode, em toda sua vida, obter um conhecimento integral desse Volume único.

Quanto mais ele se aprofunde em sua busca nessa mina, tão rica e tão abundante, mais minério encontra; uma nova luz continuamente brilha desde a fonte do conhecimento celestial para orientar o comportamento, e esclarece a obra de Deus e os caminhos dos homens; e, por fim, ele deixará o mundo confessando que, quanto mais estudava as Escrituras mais convicto ficava de sua própria ignorância, e de seu inestimável valor”.

O notável escritor e filósofo francês Jean-Jacques Rousseau escreveu: “Folheie as obras dos nossos filósofos, com toda a pompa de sua dicção, e note quanto são mesquinhos e quanto são insignificantes, em comparação com as Escrituras!



Fotos: ArtToday

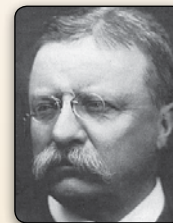
“Este livro [a Bíblia] dá contas da supremacia da Inglaterra.”—Rainha Victoria, a monarca que teve o período mais longo de reino na história britânica.

É possível que um livro que ao mesmo tempo é simples e sublime seja apenas obra do homem?”.

John Locke, um famoso filósofo inglês, escreveu: “A Bíblia é um das maiores bênçãos concedidas por Deus aos filhos dos homens. Ela tem Deus como seu autor; salvação é seu obje-

tivo, e a verdade sem qualquer mistura é seu assunto. Ela é totalmente pura e sincera; nada mais, nada menos”.

Vários presidentes norte-americanos confirmaram sua confiança na Bíblia. Abraão Lincoln disse: “Eu acredito que a Bíblia é o melhor livro que Deus já deu ao homem. Toda a bondade do Salvador do mundo nos é comunicada através deste livro”.



“Um conhecimento profundo bíblico tem um valor maior do que uma educação universitária.”—Theodore Roosevelt, presidente dos EUA.

John Quincy Adams disse: “Tão grande é minha veneração pela Bíblia que quanto mais cedo meus filhos comecem a lê-la mais confiante será a minha esperança de que eles provarão ser cidadãos úteis ao seu país”.

William Gladstone, famoso primeiro-ministro britânico do século XIX, disse: “Eu conheço noventa e cinco grandes homens do mundo do meu tempo, e destes, oitenta e sete eram seguidores da Bíblia. A Bíblia é assinada com uma Especialidade de Origem, e uma distância incomensurável a separa de todos os seus concorrentes”.

A Bíblia no Mundo Moderno

Se a Bíblia é a Palavra autorizada de Deus, o que devemos esperar encontrar nela? Toda sua informação prestada deveria ser sempre útil? Devemos desconsiderar todos os outros livros e considerar a Bíblia como a única fonte confiável de conhecimento sobre qualquer assunto?

Alguns vêem a Bíblia desta maneira, pensando nela como a fonte completa de todos os conhecimentos importantes, um livro ou enciclopédia completa. A Bíblia, no entanto, não faz tal alegação. Ela mantém silêncio sobre a maioria dos milhares de temas. A educação completa deve incluir o estudo de muitos assuntos—saúde, negócios, economia, ciências e história—que não são detalhados na Bíblia. A Palavra de Deus não discute *todos* os aspectos do conhecimento humano. Ela, no entanto, destaca-se sobremaneira quando o assunto é no reino espiritual.

A Bíblia não pretende ser uma enciclopédia exaustiva de todo o conhecimento. No entanto, é o único livro que pode revelar a razão da existência humana.

Importantes descobertas da humanidade

Através dos tempos, pessoas capazes e talentosas—tanto crentes da Bíblia como céticos—adquiriram experiência e conhecimento em muitas disciplinas. Algumas têm realizado experimentos científicos. Outros registraram o que o homem aprendeu por tentativa e erro. Através da simples observação muitos descobriram ou reconheceram a existência das leis naturais que governam o universo. A pesquisa deles ajudou-nos a compreender nosso mundo.

Por exemplo, os pesquisadores descobriram a existência de princípios de saúde que regem o funcionamento do nosso corpo. Eles contribuíram muito a esse campo de conhecimento para a longevidade humana.

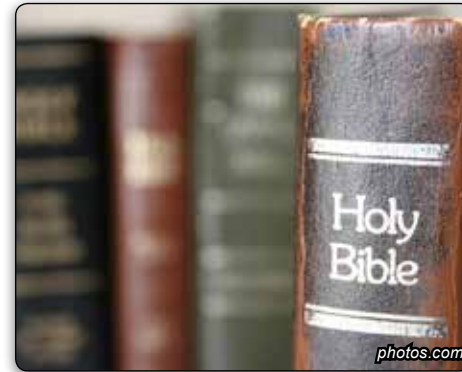
Os obras escritas dos homens são úteis, mas temos de entender que a Bíblia preenche um vazio que nenhum outro livro pode preencher—ela revela o propósito para o qual os seres humanos foram criados. Embora muitos outros livros contenham grãos de sabedoria, esse livro revela como nenhum outro a sabedoria e entendimento inspirado *da mente do próprio Deus*.

Esse livro contém verdades eternas que *não poderíamos descobrir sozinhos*. Quando entendemos o verdadeiro significado espiritual da Bíblia, todos os outros livros perdem todo o brilho. Ao ler e aplicar o seu

conhecimento revelado, podemos colher benefícios imensuráveis agora e para sempre. “A piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente e da que há de vir” (1 Timóteo 4:8).

A Bíblia é o presente de Deus para a humanidade, a autoridade absoluta e juiz supremo do comportamento humano e da moralidade. Ela revela a maneira como a humanidade deve andar (Salmos 119:105), como ensinado pelo Ser que criou o homem (Gênesis 1:26-27).

Ela revela o modo de vida que traz felicidade. Como o rei Davi, o autor



de muitos dos Salmos, escreveu: “Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios . . . Antes, tem o seu prazer na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite . . . tudo quanto fizer prosperará” (Salmos 1:1-3). Aqui, Davi refere-se à lei de Deus como revelada na Bíblia e como a maneira correta de viver.

Quando entendemos o significado espiritual da Bíblia, todos os outros livros empalidecem em valor perante a bíblia. Ao ler e aplicar seu conhecimento revelado, podemos colher benefícios imensuráveis agora e para sempre.

Que tipo de livro é a Bíblia?

Que tipo de instrução de Deus a humanidade precisa? Quando Deus criou a humanidade, Ele incutiu em nós um elevado grau de inteligência, curiosidade e capacidade de aprendizagem. Ele deu a cada um de nós uma mente que pode coletar e armazenar conhecimento e passá-lo para as gerações seguintes. Com o tempo os seres humanos passaram a usar essa inteligência para observar, descrever, descobrir e construir. As pessoas têm usado suas mentes para registrar grandes quantidades de conhecimento.

Deus não precisava nos dar um livro que continha informações que seríamos capazes de aprender por conta própria. Em vez disso, Deus nos deu uma mente com a qual poderíamos adquirir e desenvolver conhecimento útil em abundância. O que precisávamos era um livro que contivesse informações que não seria possível descobrir sozinhos—conhecimento que precisa ser *divinamente revelado*.

Essa é a informação transmitida por Deus. E é justamente o que a

Bíblia provê. Ela é um livro de verdades espirituais. Mas também contém informações sobre o mundo material. O desdobramento das verdades espirituais de Deus para a realidade, se passa em ambientes reais para os seres humanos, de cenários físicos e entre acontecimentos históricos reais.

A Bíblia, então, nos fornece uma grande quantidade de conhecimento tanto físico quanto espiritual. Ela relata a informação de cunho material do mesmo modo que é disposto no mundo físico. Isso nos dá informações sobre o funcionamento da sociedade organizada. Ela aborda os princípios básicos de sucesso em questões profissionais e financeiras. Ela transmite orientações de nutrição e saúde.

A Bíblia descreve muitos tipos de relacionamentos pessoais. Aborda princípios de saúde psicológica e mental. Ela provê informações elementares no tocante às ciências físicas. Mas não trata especificamente de qualquer uma dessas áreas, porque Deus nos deu a capacidade de buscar saber desses assuntos por conta própria.

Que tipo de instrução de Deus a humanidade precisa? Quando Deus criou a humanidade, Ele incutiu em nós um elevado grau de inteligência, curiosidade e capacidade de aprendizagem.

A harmonia da Bíblia com a ciência

A palavra *ciência* significa conhecimento, derivado do latim *scientia*, que vem de *scire*, “saber”.

A gama de conhecimento científico da humanidade é impressionante, mas devemos entender os limites de nosso conhecimento. Talvez o exemplo mais vívido da capacidade do homem em ampliar o conhecimento é encontrado no que se conhece como “Lei de Moore”, batizada assim graças ao co-fundador da Intel, Gordon Moore. Essa lei diz que o poder de processamento dos computadores dobraria, pelo mesmo custo, em cada período de dezoito a vinte e quatro meses.

A Lei de Moore demonstra a capacidade do homem para multiplicar o conhecimento de forma exponencial. A medida que uma nova informação é coletada, registrada, verificada, analisada e comparada, o conhecimento prévio deve ser reavaliado à luz das novas descobertas. As teorias científicas de longa data, assumidas como fato geralmente se desmoronam diante de novas descobertas.

Embora não seja um livro de ciência, a Bíblia *contém* conhecimento científico. A informação compreendida na Bíblia é verdadeira e confirmável, e se harmoniza—uma vez que todos os fatos são conhecidos—com o

conhecimento científico. Jesus Cristo disse em oração a Deus Pai: “A tua palavra é a *verdade*” (João 17:17). O apóstolo Paulo observou que Deus não pode mentir (Tito 1:2). Se estas afirmações forem corretas, então, devemos esperar nada mais que a exatidão das Sagradas Escrituras.

Ao examinarmos a precisão da Bíblia, veremos que quando a Palavra



Scott Ashley

de Deus fala devemos ouvir. Embora alguns céticos nunca ficarão plenamente satisfeitos, veremos que a Bíblia tem provado ser confiável e verdadeira para aqueles dispostos a ver objetivamente todas as evidências. A Bíblia se harmoniza com o verdadeiro conhecimento. As aparentes contradições na Bíblia são apenas isso—somente *aparência*. Toda a prova científica ainda

Os registros históricos por si só não podem provar nem refutar a veracidade dos eventos registrados nas Escrituras. No entanto, as evidências desenterradas até à data estão em harmonia com o registro bíblico e confirmam-o.

não foi descoberta pelo homem. Ainda há muito a ser aprendido.

Em algumas áreas de análise científica, a evidência material simplesmente não existe mais, ou as partes mais importantes ainda não foram encontradas. Isto é verdade, especialmente na arqueologia. Muitos eventos descritos na Bíblia ocorreram antes que a humanidade tivesse desenvolvido registros escritos confiáveis e duradouros, além disso outros eventos ocorreram antes mesmo de o ser humano existir. Os registros históricos por si só não podem comprovar nem refutar a veracidade dos eventos registrados nas Escrituras. Veremos, no entanto, que as evidências descobertas até o presente se harmonizam e confirmam partes do registro bíblico.

Do mesmo modo, cientistas e leigos continuarão a examinar as evidências no nosso mundo físico e no registro científico. E a medida eles fazem isso, a harmonia entre as Escrituras e a ciência vai tornando-se cada vez mais evidente.

O Preconceito da Humanidade Contra o Sobrenatural

Segmentos inteiros da sociedade têm preconceitos contra a Bíblia. Como o historiador Paul Johnson colocou: “É um fato notável que, no final do século XX, a grande maioria das pessoas no mundo ainda acredita em um deus . . . Mas não se pode negar, também, que o espírito de Prometeu, o espírito daqueles que acreditam que podem fazer tudo sem Deus—ou que podem encontrar substitutos para Deus—também é forte hoje, talvez mais forte do que nunca” (*A Busca por Deus [The Quest for God]*, 1996, pág. 18).

Prometeu foi uma figura mítica grega que reclamou e desafiou os deuses ao roubar fogo de Zeus, o deus principal, para o dar à humanidade. Johnson define o “espírito de Prometeu” como o de homens e mulheres que acreditam “poder dispensar Deus”. É um espírito de orgulho, de confiança na sabedoria e conhecimento humano e de resistência rebelde às coisas sobrenaturais, inclusive a Bíblia.

Durante séculos o mundo ocidental aceitou a Bíblia como a Palavra inspirada de Deus. Ela mantinha-se inquestionável como o fundamento de todo conhecimento, incluindo as

ciências. No entanto, os avanços científicos e a expansão da educação levou ao questionamento generalizado da autoridade religiosa e ao ceticismo da própria Escritura.

O historiador James Hitchcock descreveu essa mudança paulatina, mas consistente: “Desde o início das universidades europeias no século XII, a teologia tinha sido a “rainha das ciências”, e a religião era vista como o centro da realidade. Agora [no século XVII], pensadores como Descartes [1596-1650] “não sujeitos” à religião por colocá-la de lado . . . A religião não era atacada abertamente, mas em sua maior parte, ela foi desacreditada. Ela apenas deixou de ser importante . . .”.

“[Mas] se o século XVII continuou a tratar com respeito o Cristianismo, o século XVIII começou um ataque frontal contra ele. Os filósofos . . . foram auto-proclamados apóstolos de um “Iluminismo”. Este termo implica a pré-existência de trevas, basicamente o resultado do Cristianismo, que foi comparado com a superstição e a ignorância. Em seu mundo mental não havia lugar para o mistério ou o sobrenatural . . .

Não havia providência divina ou milagres—Deus não “interfere” em sua criação. Nem Se revela ao Seu povo nas Escrituras ou por meio da igreja” (*O Que é o Humanismo Secular? [What Is Secular Humanism?]*, 1982, págs. 36-37).

O crescimento de tal perspectiva é ressoada por Johnson, que escreveu que essa atitude estava “aumentando com uma velocidade dramática ao longo

mente, se recusam a ouvir seus defensores e até chegam a rejeitar a sólida evidência científica que *apóia* as Escrituras. O efeito concreto é que muitos *professam* a crença em Deus, mas realmente não O conhecem, e em muitos casos têm dúvidas fundamentais sobre a Sua Palavra. Devido a essa dúvida, reconhecida ou não, grande parte do mundo supostamente cristão ignora largamente até mesmo o

Durante séculos o mundo ocidental aceitou a Bíblia como a Palavra inspirada de Deus. Ela mantinha-se inquestionável como o fundamento de todo conhecimento, incluindo as ciências. No entanto, os avanços científicos e a expansão da educação levou ao questionamento generalizado da autoridade religiosa e ao ceticismo da própria Escritura.

dos últimos duzentos e cinquenta anos” (pág. 18). O ceticismo em relação a Bíblia como a Palavra inspirada de Deus acelerou-se no século XIX, e os críticos em universidades praticamente fizeram fila para questionar e criticar a Bíblia por razões filosóficas, teológicas, históricas e textuais.

Esse tipo de pensamento influencia fortemente o ensino superior—inclusive muitos seminários que formam teólogos e pastores—até hoje em dia. E os críticos não só questionam a Bíblia como também, geral-

conhecimento básico da Bíblia.

Muitas pessoas abordam a Bíblia, consciente ou inconscientemente, com uma dúvida engastada sobre sua veracidade. Se realmente queremos saber a verdade, devemos pelo menos, temporariamente, deixar de lado tal ceticismo e examinar a Bíblia com uma mente aberta. Podemos nos perguntar quantos descrentes em Deus *permaneceriam* descrentes se lessem e estudassem as Escrituras e se examinassem as evidências que *provam* sua exatidão e autenticidade.

A Bíblia e a Astronomia

Para ser a Palavra de Deus, a Bíblia tem que merecer confiança e, consequentemente, ser verdadeira. Isto deveria ser auto-evidente. Nos últimos séculos, no entanto, temos visto que alguns estudiosos e cientistas fizeram descobertas que, ao considerar superficialmente, parecem contradizer a Bíblia. Algumas descobertas causaram tremores em todo o mundo cristão.

Um exemplo foi a descoberta do astrônomo polonês Nicolau Copérnico, que no início do século XVI concluiu que a ideia comum sobre o universo no mundo ocidental estava incorreta. Era um ato de fé religiosa durante a Idade Média acreditar que a terra era o centro do universo, em torno da qual giravam todos os outros corpos celestes.

O historiador William Manchester, séculos depois, escreveu que “o mundo era [acreditava-se ser] um disco imóvel em torno do qual o sol girava, e . . . o resto do cosmos incluía o céu, que ficava poeticamente acima dos céus, e que era habitado por querubins, e incluía o inferno, que ardia em chamas nas profundezas do solo europeu. Todos acreditavam, naturalmente, nisso” (William Manchester, *Fogo sobre a Terra - a Mentalidade Medieval e o Renascimento* [A World Lit Only by Fire], 1993, pág. 89).

Copérnico, depois de anos de observação do céu e de consultas em tabelas matemáticas, chegou a uma conclusão radicalmente diferente: A terra não é um disco sobre o qual o sol gira, é uma esfera que viaja ao redor do sol. Sua descoberta chocou e trouxe pânico a muitas autoridades religiosas.

Sua visão era tão bem-vinda à mente educada da Idade Média quanto uma praga. Mediante a apresentação de sua evidência para os homens influentes na educação e na religião, Copérnico teve como recompensa zombarias e menosprezo. A Igreja estabelecida condenou Copérnico como apóstata por desafiar a sabedoria convencional da época.

Como surgiu esse conflito? Os clérigos tinham obtido suas opiniões de Ptolomeu, um astrônomo grego que viveu no Egito do século II, que tinha afirmado que a Terra era o centro do universo (ibidem, pág. 116).

Ptolomeu estava certo em um ponto importante. Parece que ele “sabia que a terra era uma esfera” (Carl Sagan, *Pálido Ponto Azul* [Pale Blue Dot], 1994, pág. 17). Outros já haviam deduzido isso também. “Mais de trezentos anos antes do nascimento de Cristo, Aristóteles havia definido que o planeta deve ser uma esfera, depois de um eclipse, ele tinha indicado que apenas um globo poderia lançar uma sombra circular na lua” (Manchester, pág. 230).

A religião organizada do segundo século aceitou a visão geocêntrica de Ptolomeu, mas depois acabou rejeitando sua crença de que a terra era

esférica. Os teólogos preferiram “endossar a absurda tese geográfica da *Topographia Christiana*, uma obra de Cosmas, monge do século VI . . . que . . . sustentava que o mundo era achatado, um plano retangular . . .” (ibidem).

Alguns têm sido uniformes na acusação de que os autores bíblicos acreditavam em uma terra plana por causa das referências aos “quatro cantos” da terra, em Isaías 11:12 e Apocalipse 20:8. No entanto, como um professor de história do Antigo Testamento comentou: “Tampouco é o caso de [a Bíblia apresentar] uma terra plana totalmente convincente—pelo menos não mais convincente do que quando locutores modernos afirmarem que sua agência



de notícias percorre os quatro “cantos da terra” para obter suas notícias” (Walter Kaiser Jr., *Os Documentos do Antigo Testamento: São confiáveis e relevantes?*, 2001, pág. 76).

Esta é uma expressão que designa simplesmente os quatro pontos cardeais. Na verdade, podemos olhar em Isaías 40:22, que afirma que Deus “está assentado sobre o

Após a crença da “Terra Plana” ter sido refutada, um movimento desenvolveu-se a tentar desacreditar as Escrituras como uma fonte legítima de autoridade.

globo da terra”. Esta expressão indica que Isaías compreendia que a terra era redonda.

Mais tarde, outros uniram-se às conclusões de Copérnico. O astrônomo Galileu confirmou a descoberta de Copérnico, mas se retratou sob ameaça de tortura. Mas suas descobertas científicas não poderiam ser contidas para sempre. O resultado foi o fim do monopólio da religião sobre as mentes dos homens. A descoberta de Copérnico desencadeou a maior crise de credibilidade que as autoridades da igreja da Idade Média tiveram que enfrentar. Ao defender sua posição, eles apresentaram uma opinião particular, que poderia ser—e foi—derrubada pela observação e ensaio científico.

A crença na autoridade bíblica e eclesiástica nunca mais seria a mesma. Agora, um movimento que tinha sido iniciado, consequentemente, acabaria, na mente de muitos, por desacreditar as Escrituras como uma fonte legítima de autoridade.

A incompreensão das Escrituras

Na realidade, a Bíblia não foi toda refutada. As *interpretações equivocadas* que os homens tinham associadas a certas escrituras foram descreditadas. Não foi a Bíblia que teve de ser corrigida, mas a *suposição do homem* sobre o que diz a Bíblia.

A visão errônea de Ptolomeu tinha sido introduzida na teologia do segundo século. Todavia, não há evidências de que Cristo ou os apóstolos acreditavam nessa visão.

Os líderes religiosos do segundo século estavam errados sobre a posição da terra no esquema das coisas por causa de uma má compreensão de várias escrituras. Eles entendiam mal o Salmo 93:1, que diz que “o mundo também está firmado e não poderá vacilar”. Este versículo não está em conflito com o fato de que Deus colocou a terra em uma órbita solar.

Poderíamos dizer que este versículo ratifica o que o homem aprendeu com o estudo da astronomia e da física—que o comportamento da terra é fixo e previsível. Deus colocou a terra em sua órbita em torno do sol e, como registra o salmo, nem ela nem nós vamos pender do nosso lugar porque Deus ajustou o curso da terra e controla as forças que mantêm a nós e ao mundo em volta no seu próprio lugar.

A Bíblia está à frente de seu tempo

No alvorecer do Renascimento, os estudiosos despertaram para a estrutura do sistema solar, o qual por séculos teve na Bíblia seu conhecimento básico da estrutura do universo. Poderíamos nos perguntar como as pessoas permaneceram em trevas por tanto tempo. Devemos entender que, com a chegada da Idade Média, o homem mergulhou em um lamaçal intelectual e moral, que deu-se entre os anos 400 e 1000 d.C. Durante esse tempo, a vida “intelectual . . . desapareceu da Europa. Até Carlos Magno, o primeiro imperador de Roma, e o maior de todos os governantes medievais, era analfabeto”. Esse foi um período de “insensatez quase impene-trável” (Manchester, pág. 3).

A crença de que a Terra não é o centro do universo demorou a desaparecer. Em alguns lugares esta nova verdade não foi aceita pelos líderes religiosos por mais de trezentos anos após as descobertas de Copérnico. Os abalos foram sentidos em todo o Cristianismo organizado porque muitos acreditavam que a verdade astronômica lançava dúvidas sobre a veracidade da Bíblia.

Na realidade, isso nunca aconteceu. Mais uma vez, não foi a Bíblia que foi achada em falta, mas a *interpretação* que tinha sido adotada pelas autoridades religiosas. Os fatos se limitaram a confirmar o que a Bíblia sempre havia dito.

Na verdade, a Bíblia mostrou estar bem à frente de seu tempo em conceitos fundamentais. Por exemplo, Jó 26:7 descreve Deus suspendendo a terra “sobre o nada”. Isto foi escrito milhares de anos antes de o astrônomo

e físico Isaac Newton descobrir as leis invisíveis da gravidade, demonstrando que a Terra está realmente suspensa “sobre o nada”.

A idade do universo

A teoria equivocada do homem sobre a estrutura do universo foi a primeira grande controvérsia astronômica que pôs a ciência contra a religião. Muitas outras controvérsias viriam. Uma das mais acaloradas envolve o debate sobre a idade do universo.

Os astrônomos vêem evidências de que o universo existe há bilhões de anos e, geralmente, acreditam que ele veio a existir entre 10 e 20 bilhões de anos atrás através de um evento comumente chamado de Big Bang. Por outro lado, alguns crentes da Bíblia, abraçando uma interpretação particular de Gênesis 1 e outras passagens, dogmaticamente afirmam que o universo tem apenas cerca de seis mil anos de idade. Este valor é calculado a partir da referência cronológica de Gênesis e de outros livros da Bíblia.

Os astrônomos respondem que esta visão é inaceitável. Eles mostram evidências, colhidas da observação do céu por meio de potentes telescópios, que apoiam seu ponto de vista. Então, alguém se pergunta, “Como podem existir objetos astronômicos há mais de seis mil anos-luz de distância?” (Sagan, pág. 28). Um ano-luz é a distância que a luz, movendo-se a 300.000 km/s, percorre em um ano.

É óbvio que há anos-luz entre algumas pessoas religiosas e a ciência sobre esta questão. Alguns defensores do registro bíblico arrazoam sobre tal evidência, declarando que a idade aparente do universo (e da evidência fóssil e geológica da terra em si) é devido a uma “aparência de idade” que Deus estabeleceu em sua criação. Muitas pessoas, incluindo alguns teólogos, respondem corretamente que, se este for o caso, Deus seria envolvido em uma forma de engano.

No entanto, tais argumentos são desnecessários. A verdade é que a Bíblia *não contradiz a evidência científica*, e a ciência não desmente o relato bíblico. O ponto, que muitas pessoas de ambos os lados do argumento perdem, é que a Bíblia *não diz* quando o universo foi criado.

Segundo a Bíblia, Adão foi o primeiro homem (1 Coríntios 15:45, 1 Crônicas 1:1), e ao adicionar valores nas genealogias bíblicas encontra-se uma data de cerca de seis mil anos atrás para a criação de Adão.

No entanto, a Bíblia não afirma que a criação da humanidade e do universo ocorreram ao mesmo tempo. A idade do Universo simplesmente não é declarada na Bíblia. Pode muito bem ter sido dez ou vinte bilhões de anos atrás.

Atualmente, o “Big Bang” é a ideia avançada mais popular para explicar a criação desse enorme e majestoso universo. No entanto, a teoria reconhece que o universo surgiu em um momento específico, mesmo aqueles que apoiam a teoria, mas não acreditam em Deus não podem explicar a origem do material que teria gerado o Big Bang ou como o universo surgiu.

As conclusões dos cientistas estão realmente de acordo com as declarações da Bíblia de que houve um momento específico de criação.

No início

Vamos ao primeiro capítulo de Gênesis para ver o que o relato da criação, quase sempre incompreendido, realmente diz.

“No princípio Deus criou os céus e a terra. Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” (Gênesis 1:1-2, NVI).

A primeira declaração neste relato refere-se ao ato criativo inicial de Deus. Nenhum tempo exato é dado a respeito de quando isso aconteceu. O que é evidente, ao comparar esta passagem com outras escrituras, é que entre os versículos 1 e 2 alguma coisa aconteceu para tornar a terra “sem forma e vazia” [em hebraico, *tohu e bohu*].

Deus criou todas as coisas. Ele reservou a terra para lugar de habitação do homem, para realizar Seu propósito. Basicamente, Seu plano é o de trazer “muitos filhos à glória” (Hebreus 2:10), para oferecer a filiação para todas as pessoas através de Seu Filho Jesus Cristo.

Isaías 45:18 nos diz que Deus “não a criou [a terra] vazia [*tohu*], mas a formou para que fosse habitada”. A criação inicial *foi seguida por uma destruição e caos*.

A nota de rodapé da Nova Versão Internacional mostra a seguinte leitura alternativa para o versículo dois: “Agora a terra *tornou-se* sem forma e vazia . . .” Isto indica uma diferença de tempo entre a criação original descrita no versículo 1 e o tempo que se deu a criação do homem no início do versículo 2 (ver “A Idade da Terra: A Bíblia Indica um Intervalo de Tempo entre o Primeiro e o Segundo Versículo de Gênesis?” a partir da página 20).

Ou seja, a Bíblia não diz exatamente quando aconteceu a criação original. Mas ela indica que a criação original foi seguida pela destruição generalizada provocada pela rebelião do poderoso anjo que se tornou Satanás (Isaías 14:12-15). Assim, o relato de Gênesis 1:3-31 é, aparentemente, uma descrição de uma *restauração* da terra a um planeta habitável pouco

antes da criação do homem (veja Salmos 104:30). As genealogias bíblicas demonstram que esta *restauração* ocorreu aproximadamente há seis mil anos, embora em nenhum lugar a Bíblia diga quando Deus criou os céus e a terra.

A Palavra de Deus revela que, inicialmente, não existia a criação física—nem a terra, nem o sistema solar, nem as galáxias. O apóstolo Paulo descreve isso como “antes dos tempos dos séculos” (Tito 1:2), isto é, “antes do começo dos tempos” [BLH]. Então, por ordem divina, Deus criou o universo.

A ciência nos diz algo similar. “Esses dias, para a maioria dos cosmólogos e astrônomos, remontam à teoria de que houve de fato uma criação . . . quando o universo físico veio à existência em uma impressionante explosão popularmente conhecida como o ‘big bang’ . . . *O universo nem existiu sempre*” (Paul Davies, *Deus e a Nova Física [God and the New Physics]*, 1983, págs. 10-11, grifo nosso).

Ambos os relatos, da ciência e da Bíblia, falam de uma origem instantânea da criação física. (Para saber mais, baixe ou peça nosso livros gratuitos “*A Questão Fundamental da Vida: Deus Existe?*” e “*Criação ou Evolução: Realmente Importa em que Você Acredita?*”).

Por que o universo foi criado?

A ciência por si só não pode nos dizer por que a terra e a criação física existem. Carl Sagan escreveu: “Por que isso aconteceu é o maior mistério que se conhece. Mas o fato de ter acontecido é razoavelmente claro” (*Cosmos*, 1980, pág. 246).

Mas a Bíblia nos diz o motivo! “Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder, porque *tu criaste todas as coisas*, e por tua vontade são e foram criadas” (Apocalipse 4:11). Salmos 115:16 acrescente: “Os céus são os céus do SENHOR; mas *a terra, deu-a ele aos filhos dos homens*”.

Deus criou todas as coisas. Ele reservou a terra para lugar de habitação do homem, para realizar Seu propósito. Basicamente, Seu plano é o de trazer “muitos filhos à glória” (Hebreus 2:10), para oferecer a filiação para todas as pessoas através de Seu Filho Jesus Cristo. Esta é a razão pela qual Deus trouxe a criação à existência por Sua ordem. A Bíblia explica detalhadamente o plano de Deus—como também suas implicações para nós. (Para uma completa explicação, peça ou baixe nosso livro gratuito *Qual é o seu destino?*)

A Bíblia é verdadeira em sua descrição da origem de todas as coisas. Em resposta à afirmação de que Deus no princípio criou os céus e a terra, um cientista cético declarou: “Mas ninguém estava lá para vê-lo” (Davies, pág. 9). Não é verdade—*Deus e Seus anjos estavam lá*. Nenhum ser humano havia para refutá-la, e não há ninguém que possa refutá-la hoje. Nenhum homem ou mulher pode contradizer a Bíblia. Pois, existe uma montanha de evidências que mostra que ela é verdadeira.

Idade da Terra: A Bíblia Indica um Intervalo de Tempo Entre o Primeiro e o Segundo Versículo de Gênesis?

Somos introduzidos ao relato da criação da terra em Gênesis 1:1-2: “No princípio, criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo”.

O texto hebraico original, comparando-se a outras passagens das Escrituras, tem levado alguns a concluir que um intervalo de tempo considerável é indicado entre estes dois versículos. Se este intervalo é de fato intencional, não há discrepância entre o relato bíblico e as conclusões científicas de que a terra tem muitos bilhões de anos. Se, por outro lado, não houver nenhuma lacuna, então a terra deveria ter apenas cerca de seis mil anos de idade—o que a maioria dos cientistas consideram impossível.

Outras passagens, e também a história, lançam alguma luz sobre essa questão?

Alguns estudiosos propõem que Gênesis 1:2 pode ou deveria ser traduzido assim: “Agora terra tornou-se sem forma e vazia...”, em oposição à versão comum “E a terra era sem forma e

vazia...”. Outros descartam essa ideia completamente. Eles admitem a palavra original hebraica *hayah* deve ser traduzida como “era” e, portanto, supõem que a terra foi criada originalmente dessa maneira desordenada.

No entanto, como pode ser visto em muitos auxílios bíblicos, ambas traduções do termo são possíveis. Somente o contexto do capítulo e do livro pode determinar qual delas está correta. Gleason Archer, professor de linguagens bíblicas, comenta: “Deve-se notar, nesse contexto, que o verbo *era* em Gênesis 1:2 pode possivelmente ser interpretado como *veio a ser* e pode ser explicado com essa significação: ‘E a terra *veio a ser* sem forma e vazia’. Apenas uma catástrofe cósmica poderia explicar essa introdução de confusão caótica na perfeição original da criação de Deus. Esta interpretação certamente parece ser exegeticamente sustentável . . .” (*Uma Introdução Geral ao Antigo Testamento [A Survey of Old Testament Introduction]*, 1974, pág. 184).

Numa nota de rodapé, Archer

acrescenta: “Propriamente falando, esse verbo *hayah* nunca tem um significado estático, como os verbos copulativos ‘ser’ ou ‘estar’. Sua noção básica é a de *tornar-se* ou *emergir-se* como este ou aquele, ou *vir a ser*. Às vezes [alguns críticos] pretendem estabelecer uma distinção da seguinte maneira: *hayah* significa “vir a ser” apenas quando ele [o verbo] é seguido pela preposição hebraica *le*, caso contrário não existe o conceito explícito de *vir a ser*. Mas esta distinção [dos críticos] não é plausível quando examinada cuidadosamente. Em Gênesis 3:20 a interpretação correta é: ‘E chamou Adão o nome de sua mulher Eva, porque ela *veio a ser* a mãe de todos os viventes’. Nenhum *le* segue o verbo no presente caso. Igualmente também em Gênesis 4:20: ‘Jabal *veio a ser* o pai dos que habitam em tendas’. Portanto, [os críticos] não podem levantar qualquer objeção gramatical para traduzir Gênesis 1:2 [da seguinte maneira]: “E a terra *veio a ser* sem forma e vazia” (ibidem).

Alguns estudiosos também argumentam contra traduzir *hayah* “veio a ser” em vez de “era” em Gênesis 1:2, porque dizem que essa interpretação surgiu apenas recentemente, depois de os cientistas determinarem que a terra é muito

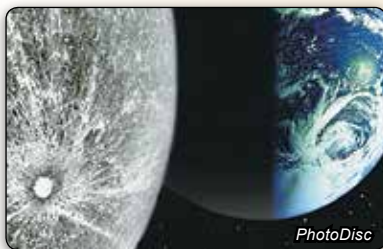
antiga. Assim, eles consideram que essa explicação é uma tentativa desesperada de reconciliar o relato de Gênesis com a geologia moderna. A explicação de que existiu um período indefinido entre a bela criação original descrita em Gênesis 1:1 e a terra se tornar sem forma e vazia no versículo 2 tem sido chamada, às vezes depreciativamente, de ‘a teoria do intervalo’. A ideia foi atribuída a Thomas Chalmers, do século XIX, e Cyrus Scofield, do século XX.

No entanto, esta interpretação de que a terra “veio a ser” sem forma e vazia tem sido discutida por cerca de dois mil anos, como indicado pelo falecido Custance Arthur em seu livro *Sem Forma e Vazia: Um Estudo do Significado de Gênesis 1:2 [Without Form and Void: A Study of the Meaning of Genesis 1:2]*.

A mais antiga controvérsia conhecida registrada sobre esse assunto pode ser atribuída a sábios judeus no início do segundo século. Os estudiosos hebreus que escreveram o Targum de Onkelos, a primeira das paráfrases aramaica do Antigo Testamento, exprimiram Gênesis 1:2 com uma expressão aramaica que o doutor Custance traduz como “e a terra foi devastada” (1988, pág. 15). O idioma original, evidentemente, levou-os a entender que algo tinha ocorrido para que fosse

“devastada” a terra, e eles interpretaram isso como uma destruição.

O primeiro teólogo católico Orígenes (186-254), em seu comentário *De Principiis*, explica sobre Gênesis 1:2 que a terra original estava “desordenada” (Os Pais Antenícenos [*Ante-Nicene Fathers*], 1917, pág. 342).



Na Idade Média, o erudito flamandês Hugo St. Victor (1097-1141) escreveu sobre Gênesis 1:2: “Talvez já se tenha sido debatido o suficiente sobre esse assunto, mas acrescentamos apenas isto, ‘por quanto tempo o mundo permaneceu nessa desordem antes da completa reordenação . . . ser feita?’” (*De Sacramentis Christianae Fidei*, Livro 1, parte 1, capítulo 6). Outros estudiosos medievais, como Dionísio Peavius e Pererius, também consideraram que houve um intervalo de tempo entre Gênesis 1:1 e 1:2.

Segundo *A Nova Enciclopédia de Conhecimento Religioso Schaff-Herzog* [*The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*], o estudioso

holandês Episcopius Simon (1583-1643) ensinava que a Terra tinha sido originalmente criada antes dos seis dias da criação descrita em Gênesis (1952, vol. 3, pág. 302). E isso foi mais ou menos duzentos anos antes de geologia admitir uma origem antiga para a Terra.

Estes numerosos exemplos nos mostram que a ideia de um intervalo entre Gênesis 1:1 e 1:2 tem uma longa história. Qualquer alegação de que seja apenas de origem recente, que foi inventada simplesmente como uma tentativa desesperada de reconciliar o relato de Gênesis com a geologia é infundada.

Talvez a melhor abordagem de ambos os lados dessa questão é a do livro do doutor Custance. Ele afirma: “Para mim, esta questão é importante, e depois de estudar o problema por cerca de trinta anos e depois de ler tudo o que eu pude colocar minhas mãos sobre os prós e os contras, e depois de acumular na minha própria biblioteca cerca de trezentos comentários sobre o Gênesis, o primeiro datado de 1670, estou convencido de que há, baseado em evidências, muito mais razão para traduzir Gênesis 1:2 como “Mas a terra veio a ser uma ruína e uma desolação, etc”. do que há em qualquer uma das traduções convencionais de nossas versões modernas” (pág. 7).

A Bíblia e a Arqueologia

A arqueologia é a recuperação e o estudo do material residual da vida e das atividades das pessoas do passado. Ela envolve a escavação e o estudo sistemático de suas ferramentas, armas, utensílios de cozinha, inscrições e outros objetos e vestígios. A arqueologia bíblica é um pequeno subconjunto do extenso campo da arqueologia, que limita-se ao estudo das civilizações antigas do antigo Oriente Médio, o ambiente geográfico dos eventos registrados na Bíblia.

A arqueologia bíblica moderna é um assunto fascinante e, às vezes, controverso. Seu objetivo, em geral, é comparar os achados da arqueologia aos escritos da Bíblia. Os arqueólogos bíblicos procuram estabelecer a historicidade, ou sua falta, das pessoas, lugares e eventos da Bíblia.

Por muitos séculos os eventos da Bíblia eram aceitos como uma história verdadeira. As grandes sagas da Bíblia eram reconhecidas como precisas até em seus mínimos detalhes. No entanto, com a chegada do “Iluminismo”, séculos XVII e XVIII, essa visão começou a mudar. Os estudiosos começaram a exaltar a razão humana e a pesquisa científica acima da Bíblia, assim aumentando a ofensiva contra as Escrituras.

Os heróis bíblicos e outras personalidades imponentes, bem como suas experiências registradas nas Escrituras, chegaram a ser considerados por muitos estudiosos como meros mitos. A existência de impérios poderosos, alguns documentados na Bíblia como tendo governado durante séculos, foi posta em dúvida ou até negada. O ceticismo tornou-se a regra do dia entre os estudiosos “críticos”.

Onde as gerações anteriores tinham tomado a Bíblia ao pé da letra, agora uma geração supostamente esclarecida a vê com dúvidas. O efeito prático foi um grande golpe que abalou a credibilidade da Bíblia na mente de muitas pessoas.

Antes, quando a Bíblia foi traduzida em várias línguas na era pós-Reforma depois do relativo analfabetismo da Idade Média, ela tinha se tornado para muitas pessoas seu único livro de história da antiguidade. Eles consideravam-na como a infalível Palavra de Deus.

Entretanto, após os ‘arranjos’ dos críticos acadêmicos, a Bíblia começou a ser vista como suspeita por muitos historiadores. O historiador inglês Arnold Toynbee resumiu seu ponto de vista quando se referiu ao Antigo Testamento como meramente “composições humanas de diferentes graus de mérito religioso e histórico”. Ele afirmou ainda que aqueles que o aceitam como verdadeiro “estão pondo um valor religioso grande a uma persistente estupidez” (*Um Estudo da História* [*A Study of History*], vol. 10, 1957, pág. 260).

Dada esta mentalidade, os arqueólogos que buscavam escavar e avaliar as ruínas dos séculos passados e que relatavam a credibilidade da Bíblia de

uma maneira honesta enfrentaram uma luta difícil. O campo da ciência, em geral, tinha se tornado tendencioso contra a Bíblia, com alguns arqueólogos entre os principais críticos.

O testemunho da história

O lorde William Ramsay, um historiador inglês e escritor prolífico, era produto de uma educação de meados do século XIX e dessa difusa inclinação antibíblica. Ele acreditava que os relatos históricos do livro de Atos não tinham sido escrito no tempo da Igreja apostólica, mas muitíssimo depois—em meados do segundo século. Se isso fosse verdade, o livro bíblico de Atos

não poderia ter sido escrito por Lucas, o companheiro de viagem do apóstolo Paulo, e poderia apenas ser uma história inventada.

Lucas afirmou ter estado com Paulo, como dois homens caminhando penosamente pelas estradas de paralelepípedo do Império Romano. Ele escreveu que viu quando Paulo foi usado por Deus para trazer um jovem converso de volta à vida depois de uma queda fatal (Atos 20:8-12). Ramsay duvidava da historicidade de Lucas e dos registros históricos de Atos e começou a contestá-lo.

Após muitos anos de estudo detalhado das evidências arqueológicas, Ramsay chegou a uma conclusão desconcertante: A evidência histórica e arqueológica pendiam solidamente a favor de Lucas ter escrito o livro de Atos, no primeiro século, no tempo dos apóstolos. Em vez de Lucas ser

uma fraude histórica, Ramsay concluiu que existem “razões para a colocar o autor de Atos entre os historiadores de primeira categoria” (*São Paulo, O Viajante e o Cidadão Romano* [*St. Paul the Traveller and the Roman Citizen*], 1925, pág. 4).

Ramsay ficou convencido da fidedignidade de Lucas, pois ele escreveu sobre o trabalho da Igreja primitiva e nessas circunstâncias entrelaçou os



Visitantes inspecionam uma parte da escavação bíblica do tanque de Silóé mencionado em João 9:7. A piscina, enterrada e desaparecida desde a destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 dC, foi descoberta em 2004. Esta é uma das muitas descobertas arqueológicas que confirmam a exatidão de lugares, pessoas e detalhes relativamente menores mencionados nos Evangelhos.

eventos seculares e personalidades da época. No relato do Evangelho de Lucas somos apresentados a Pôncio Pilatos, Herodes, o Grande, Augusto e outros personagens políticos. Em Atos encontramos um conjunto ainda maior, incluindo Sérgio Paulo, Gálio, Félix, Festo e Herodes Agripa I e II.

Lucas não só escreveu sobre essas pessoas, como também menciona detalhes, às vezes fatos minuciosos, sobre eles. “Um dos símbolos mais marcantes dessa precisão [de Lucas] é sua familiaridade com os títulos adequados de todas as pessoas eminentes que são mencionadas . . . Chipre, por exemplo, que era uma província imperial até 22 a.C., tornou-se uma província senatorial, naquele ano, e foi, portanto, governada não mais por um legado imperial, mas por um procônsul. E assim, quando Paulo e Barnabé chegaram a Chipre cerca de 47 d.C., foi o *procônsul* Sérgio Paulo que encontraram” (F.F. Bruce, *Os Documentos do Novo Testamento: São Confiáveis?* [*The New Testament Documents: Are They Reliable?*] 1981, págs. 82-83).

Lucas menciona outras informações sobre os escritórios e os títulos dos funcionários do Império Romano. Em todos os casos ele acerta, como foi confirmado por descobertas arqueológicas *muitos séculos depois*. Como Ramsay descobriu, para mostrar tal precisão era necessário que o autor fosse bem versado sobre o tempo em que ocorreram os meandros da política dessa imensa região—sem nenhuma referência de fácil acesso para verificar os fatos. Poucos de nós conseguiríamos dizer tão bem se questionados sobre os exatos títulos oficiais, nacionais e internacionais, dos personagens políticos de hoje.

Exatidão: um teste de credibilidade

Tais detalhes do cenário histórico torna a Bíblia interessante, mas também permite que um autor, como Lucas, seja submetido à prova—e a Bíblia também. Se ele comete um erro em sua informação, em seguida, seu trabalho perde credibilidade. Como Lucas passou nessa prova?

O professor de estudos bíblicos, F.F. Bruce, comenta o trabalho de Lucas: “Um escritor que, desse modo, relata sua história em um contexto mais vasto da história do mundo está procurando problemas se não tiver cuidado; ele dá a seus leitores críticos muitas oportunidades para testar a sua precisão. Lucas assume esse risco, e resiste ao teste admiravelmente” (pág. 82).

Alguns estudiosos sustentam que Lucas estava errado em seu relato de um censo romano na época do nascimento de Jesus Cristo (Lucas 2:1-3). Eles argumentaram que Quirino não era governador, neste época, porque ele foi elevado a essa posição muitos anos mais tarde. Os críticos também argumentaram que não houve censo, em seguida, e que José e Maria não foram, portanto, na época, obrigados a regressar à sua terra natal, Belém.

Mais tarde, a evidência arqueológica, no entanto, mostrou que Quirino exerceu *dois* mandatos como um importante administrador romano na região e que os acontecimentos descritos por Lucas eram realmente possíveis (Bruce, págs. 86-87). De fato, Lucas nos diz que Jesus nasceu na época

do “primeiro recenseamento” sob Quirino (versículo 2, NVI), indicando fortemente que Quirino realizou um censo na região na primeira e na segunda administração. Depois, descobriu-se que aqueles que tinham desafiado o relato bíblico não haviam verificado todos os fatos.

O professor Bruce passa a observar que, a habitual precisão de Lucas demonstrada em detalhes pode ser historicamente verificada, há muitas razões para aceitar a sua credibilidade em geral. E, de fato, descobertas arqueológicas têm repetidamente apoiado a precisão de Lucas e sua atenção aos detalhes.

Há muito ainda a ser descoberto

Uma parte relativamente pequena de resquícios do mundo bíblico foi escavada. Dos cinco mil importantes sítios arqueológicos conhecidos na Terra Santa, apenas cerca de trezentos e cinquenta foram escavados, e destes apenas dois ou três por cento têm sido totalmente escavado—e escavação de apenas quatro por cento de um sítio já é considerada extensa. E naqueles que foram escavados, é fato que toda a Bíblia tem um histórico notável de precisão quando comparado com os achados descobertos pela arqueologia.

Como o professor Walter Kaiser Jr. escreveu: “A arqueologia bíblica melhorou substancialmente o estudo dos textos bíblicos e sua história” (*Os Documentos do Antigo Testamento: São confiáveis e relevantes?* [*The Old Testament Documents: Are They Reliable and Relevant?*] de 2001, pág. 97). Ele também declarou: “Os fatos, a partir de qualquer fonte, quando totalmente conhecidos confirmam consistentemente os fantásticos detalhes das pessoas, povos e lugares do Antigo Testamento através de restos de artefatos, estratigrafias e epígrafes [e] evidências descobertas” (ibidem, pág. 108).

Grande parte do Antigo Testamento estava sob ataque pesado dos canhões dos estudiosos contra a inspiração divina, quando os ventos da dúvida varreram o século XIX. E falando desse tempo e seus efeitos, o arqueólogo Kenneth Kitchen escreveu: “Uma e outra vez nos estudos do Antigo Testamento, éramos informados que ‘a história não conhece tal pessoa’, referindo-se a Abraão ou Moisés ou . . . às batalhas de Gênesis 14, por exemplo. No entanto, semelhantes frases são totalmente enganosas. Elas simplesmente marcam a ignorância, não da ‘história’ personificada, mas da pessoa que faz esta afirmação” (*A Bíblia no Seu Mundo: A Bíblia e a Arqueologia Hoje* [*The Bible in Its World: The Bible and Archaeology Today*], 1978, pág. 48).

A declaração do dr. Kitchen mostra que a historicidade de personalidades do Antigo Testamento e seus mundos não podem ser enterrados. É importante notar que os estudiosos em tempos passados duvidaram da existência de impérios, de populações inteiras e de muitos personagens centrais da Bíblia. Em face a uma montanha crescente de evidências, os

céticos muitas vezes se viam forçados a negar suas alegações anteriores.

As evidências confirmam os relatos bíblicos sobre os patriarcas

Por exemplo, alguns estudiosos críticos questionaram a existência dos patriarcas—Abraão, Isaque e Jacó. Eles rejeitaram a interpretação bíblica porque não tinham nenhuma evidência arqueológica clara.

No entanto, os documentos bíblicos descrevem Abraão e seu mundo em grandes detalhes. Os costumes específicos desta sociedade, tal como descrito em Gênesis 15-16 foram, de fato, atestados pelas tabuletas encontradas em Nuzi, perto da cidade de Assur na Assíria. Os documentos “referem-se a questões como herança e direitos de propriedade, a escravidão, a adoção, e assim por diante” (Eugene Merrill, *Reino de Sacerdotes* [*Kingdom of Priests*], 1996, págs. 38-39).

Alguns estudiosos, uma vez alegaram que os eventos incomuns descritos nesses dois capítulos de Gênesis, como o episódio de Abraão reconhecendo a paternidade de uma criança para sua esposa Sara por meio de sua serva, Agar, eram invenções. Os mesmos estudiosos tiveram de recuar quando as tabuletas Nuzi demonstraram que tais práticas de substituição eram comuns na cultura daquele tempo, quando uma mulher era estéril.

Da mesma forma, Gênesis 37:28 nos diz que os irmãos de José o venderam como escravo por vinte siclos (moedas) de prata. Tabuletas de argila descobertas na região datadas entre dezoito e dezenove séculos antes de Cristo, o tempo em que José viveu, mostram que o valor corrente para escravos na época era realmente vinte siclos.

Séculos mais tarde, no entanto, o preço dos escravos tinha aumentado muito. No século VIII a.C., tinha subido para cinquenta a sessenta siclos. E do quinto ao quarto séculos a.C., o preço era de noventa a cento e vinte siclos (Kenneth Kitchen, “A Era Patriarcal: Mito ou História?” [*The Patriarchal Age: Myth or History?*])” *Revisão da Arqueologia Bíblica*, março-abril de 1995, pág. 52).

Se um escriba judeu tivesse inventado a história de José, no século VI a.C., como muitos críticos bíblicos argumentam, por que o valor pago por José não foi de noventa a cento e vinte siclos? Se a história fosse inventada mais de mil anos depois de ter supostamente acontecido, como é que o autor sabia o preço de venda de um escravo de mil anos antes? A resposta óbvia, é que a história de Gênesis é um relato preciso dos acontecimentos contemporâneos.

E quanto a Êxodo?

Muitos estudiosos céticos e arqueólogos têm contestado o registro bíblico do Êxodo dos israelitas do Egito porque nenhuma evidência material confirmada, além da Bíblia, foi encontrada para dar testemunho a esses eventos. Eles acreditam que estas histórias foram inventadas muitos séculos depois.

A veracidade de Êxodo é essencial para a autenticidade da Bíblia, porque é óbvio que o evento era considerado de grande importância para a criação de Israel como uma nação. Os israelitas olharam para trás para esse evento como o fundamento da sua fé. Muitas passagens bíblicas testificam o quanto isso era importante para eles. Ou um povo conhecido como Israel existiu, viveu no Egito e saiu de lá ou simplesmente não podemos confiar na Bíblia.

O professor Kitchen oferece uma boa explicação sobre o motivo de existir pouca evidência física da habitação de Israel no Egito. “O [Nilo] Delta [onde Israel habitou] é um leque aluvial de lama depositadas através de muitos milênios pela inundação anual do Nilo, não há origem de pedra dentro dele . . . O casebres de barro dos escravos e dos agricultores humildes das olarias há muito tempo viraram lama, a ponto de nunca mais serem vistos novamente”.

“Mesmo as estruturas de pedra (como templos) dificilmente sobreviveriam, em forte contraste com os sítios no vale do penhasco fechado do Alto Egito ao sul . . . Por isso não é de admirar que praticamente não existam registros escritos que pudessem ser recuperados desses sítios Delta, pois estavam reduzidos a montes de tijolos . . . até mesmo os grandes templos estavam reduzidos a montes de pedras empilhadas” (*Sobre a Confiabilidade do Antigo Testamento [On the Reliability of the Old Testament]*, 2003, pág. 246).

O doutor Kitchen também explica por que não há registros sobre o Êxodo entre as inscrições históricas e registros egípcios que foram encontrados: “Como os faraós *nunca* gravavam suas *derrotas* nas paredes do templo, não há registro da bem sucedida saída de um grande grupo de escravos estrangeiros (com perda de carruagens cheias de soldados), pois isso jamais seria imortalizado por qualquer rei nos templos no Delta ou em qualquer outro lugar” (ibidem).

Em outras palavras, os orgulhosos egípcios, que eram a maior potência militar do mundo, naquele dia, não deixaria um registro da total e completa humilhação de seu líder pretensioso e da destruição de seu exército. Na verdade, a Bíblia está sozinha entre os escritos antigos da região no registro das derrotas militares de sua própria nação. Os líderes somente se vangloriavam de seus triunfos e conquistas, mas nunca quiseram gravar suas humilhantes derrotas.

Os eventos e pessoas confirmadas pela arqueologia

Alguns alegam que Israel não era um poder significativo nos dias das dinastias egípcias. Eles acreditam que Israel não era mais do que um amálgama perdido de tribos impotentes.

A prova objetiva, no entanto, aponta para uma conclusão diferente. Um antigo objeto que entrelaça a história bíblica com os egípcios foi descoberto pelo arqueólogo e lorde Flinders Petrie, em 1896. E é conhecido como

a Estela Israel porque “contém a primeira menção conhecida de Israel” (ibidem, pág. 26). Esta estela em granito negro contendo orgulhosas inscrições, encomendadas pelo faraó Merenptah, sobre suas vitórias em batalhas e se refere a Israel como sendo ‘devastada’. A Estela data de 1207 a.C. (*Revisão da Arqueologia Bíblica [Biblical Archaeology Review]*, setembro-outubro de 1990, pág. 27).

A jornada de Israel do Egito para Canaã, depois do Êxodo, também está registrada nas Escrituras. A Bíblia fornece os nomes dos lugares que figuram como destaque nessa jornada, como Números 33 que entrega uma lista detalhada dos locais do percurso. Os detratores têm contestado o registro histórico, negando que esses assentamentos existiram no início deste período da história, pois vestígios arqueológicos da época em questão não foram encontrados.

Uma delas é o assentamento de Dibom, onde hoje é o sul do Jordão (Números 33:45). Nenhum vestígio arqueológico foi encontrado naquele local que data de antes do século IX a.C. Isso quer dizer que não havia cidade ali quando o povo de Israel atravessou a área?

Recentemente, alguns estudiosos têm tido que retratar-se da alegação de que Dibom não poderia ter existido na época do Êxodo. Registros egípcios confirmam a existência de Dibom durante esse tempo. As listas de antigas rotas egípcias mencionam Dibom como uma parada ao longo das rotas daquela região.

Dibom não apenas existia naquele época como também era significativa o suficiente para chamar a atenção de Ramsés II, que “saqueou a cidade no decorrer de uma campanha militar em Moabe” logo depois (Charles Krahmalkov, “O Itinerário do Êxodo Confirmado Pela Evidência Egípcia”, *Revisão da Arqueologia Bíblica [Biblical Archaeology Review]*, Setembro-Outubro de 1994, pág. 58).

A cidade de Hebron também figurou na conquista israelita de Canaã. “Depois, Josué, e todo o Israel com ele, subiu de Eglom a Hebron, e pelejaram contra ela” (Josué 10:36). Embora alguns críticos tenham afirmado que não existia a cidade de Hebron nesse tempo, as listas de mapas egípcios dizem o contrário. Em uma lista de cidades que Ramsés II ordenou que fosse esculpida em uma parede do templo de Amon lá estava Hebron (*Revisão da Arqueologia Bíblica [Biblical Archaeology Review]*, Setembro-Outubro de 1994, pág. 60). A escavação arqueológica no próprio local também confirma que ela era uma cidade fortificada prosperando desde a época de Abraão (setembro-outubro de 2005, págs. 24-33, 70).

André Lemaire, especialista em inscrições antigas, observa que alguns estudiosos têm ido tão longe em afirmar que “nada na Bíblia antes do exílio babilônico pode reivindicar qualquer precisão histórica” (“A Casa de Davi Restaurada na Inscrição Moabita”, *Revisão da Arqueologia Bíblica [Biblical Archaeology Review]*, Maio-Junho 1994, pp 31-32). No entanto, vez após vez os estudiosos tiveram que recuar das declarações anteriores a

medida que evidências arqueológicas complementares vinham à luz.

Um exemplo disso foi o caso dos hititas, por um longo tempo conhecidos apenas pelo registro bíblico. “Até a descoberta do império hitita no início do século passado, os ‘hititas’ mencionados em Gênesis 10:15 como descendentes de Canaã eram desconhecidos . . . Mas em 1906, Hugo Winckler começou a escavar um local conhecido como Hattusha antiga . . . onde hoje chamamos de Turquia. Como resultado, um povo cuja existência antes foi seriamente questionada está bem documentado com, literalmente, dezenas de milhares de tabuletas de argila” (Walter Kaiser, *Os Documentos do Antigo Testamento: São confiáveis e relevantes?* [*The Old Testament Documents: Are They Reliable and Relevant?*] 2001, pág. 102).

Outro grupo cuja existência era desconhecida até recentemente, fora da Bíblia, é um povo chamado horeus. Gênesis 36:20-21 afirma que eles foram os filhos de Seir, o horeu. O registro bíblico foi justificado quando “no final de 1995 veio a notícia de que a capital dos horeus, Urkesh, tinha sido descoberta enterrada sob a cidade moderna de Tell Mozan, na Síria, cerca de quatrocentos quilômetros a nordeste de Damasco, na fronteira com a Turquia . . .

“O sítio de trezentos acres já rendia mais de seiscentos itens com alguma forma de escrita, muitas vezes em figuras desenhadas em selos de barro . . . Esse surpreendente achado novamente demonstra que o texto do Antigo Testamento é extremamente confiável” (Kaiser, págs. 103-104).

A arqueologia prova a Bíblia?

O que podemos dizer sobre o registro bíblico até agora? O cético sempre pode apontar para elementos que ainda precisam ser verificados exclusivamente. Mas nunca devemos esquecer que partes específicas da Bíblia certamente tem sido confirmadas por descobertas arqueológicas. O ônus da prova recai sobre os céticos. No rastro de evidências, como o mostrado neste capítulo e disponível em muitas outras fontes, cabe a eles provarem sua conjectura.

Frank Gaebelin, um autor eminentemente qualificado e editor geral do *Comentário Bíblico Expositivo*, observou que “a atitude de suspender o julgamento dirigido às dificuldades da Bíblia . . . está sendo constantemente defendido, pois a arqueologia tem resolvido um problema bíblico após outro, e assim um diligente reexame das discrepâncias finalmente tem levado às respostas” (*O Comentário Bíblico Expositivo* [*The Expositor's Bible Commentary*], 1979, vol. 1, pág. 31).

O doutor Steven Ortiz, co-diretor de escavações no sítio da Gezer bíblica, comentou, em uma entrevista na Internet em 2007, que “estudiosos sérios, mesmo que não sejam crentes, mesmo que não achem que isso [a Bíblia] seja um texto sagrado, ainda consideram ser história porque as coisas se encaixam muito bem”. Doutor Aren Maeir, diretor de escavações da antiga cidade filistéia de Gate, em outra entrevista na Internet, 2007, simplesmente disse:

“Você não pode trabalhar com arqueologia na terra de Israel sem a Bíblia”.

Tendo em vista a evidência real, o cético bem que poderia reconsiderar sua posição e comprometer sua vida ao serviço de Deus. Se ele esperar até que todas as mínimas questões sejam resolvidas em sua própria mente, pode acontecer de ignorar ou rejeitar uma chamada do próprio Deus. Ele pode estar privando-se das bênçãos disponíveis para aqueles que se comprometeram a aprender e a seguir o caminho de vida de Deus.

O uso objetivo da arqueologia tem demonstrado a precisão técnica e a veracidade da Bíblia. Este capítulo demonstrou algumas das evidências factuais que confirmam o registro bíblico. Muito mais ainda será descoberto.

Como o arqueólogo Nelson Glueck concluiu: “Pode-se afirmar categoricamente que nenhuma descoberta arqueológica jamais contradisse uma referência bíblica. Dezenas de achados arqueológicos têm confirmado de maneira clara ou em detalhes exatos as afirmações históricas na Bíblia. E, por isso mesmo, a avaliação adequada das descrições bíblicas geralmente tem levado a descobertas surpreendentes” (*Rios no deserto: A História do Neguev* [*Rivers in the Desert: A History of the Negev*], 1959, pág. 31).

A Bíblia é a Palavra inspirada de Deus, e sua exatidão continua a ser validada pela pá da arqueologia. (Se você quiser saber mais, baixe nossa série intitulada “*A Bíblia e a Arqueologia*” [*The Bible and Archaeology*] no link <http://www.ucg.org/the-good-news/the-bible-and-archaeology-how-archaeology-confirms-the-biblical-record>. Esta série está disponível apenas em formato eletrônico em inglês).

Ciro da Pérsia: As Palavras de um Profeta se Cumpriram

O notável cilindro do rei Ciro da Pérsia, datado de 538 a.C. e que agora se encontra no Museu Britânico, registra sua conquista da Babilônia e sua política de tolerância e até mesmo de patrocínio das religiões nativas. Conforme com essa política, a Bíblia registra seu decreto que dizia que os judeus exilados, levados cativos pelos babilônios sob Nabucodonosor II em 586 a.C., poderiam retornar à sua terra e reconstruir Jerusalém e seu templo.

Estes eventos foram um notável cumprimento da profecia de Isaías de um século e meio antes de Deus utilizar um governante chamado Ciro que “cumprirá tudo o que me apraz; dizendo também a Jerusalém: Sê edificada; e ao templo: Funda-te”. Deus também predisse que Ciro “edificará a minha cidade e soltará os meus cativos” (Isaías 44:28; 45:13). Esta foi uma das muitas profecias surpreendentes registradas na Bíblia que mais tarde veio a se cumprir.

A Surpreendente Descoberta Arqueológica: O Poderoso Império Assírio Emerge das Cinzas

A descoberta do antigo Império Assírio foi classificada entre as maiores descobertas arqueológicas de todos os tempos.

A Assíria apareceu pela primeira vez como um império no início do segundo milênio a.C. O resto de um zigurate, ou templo torre, daquela época ainda está de pé perto do local de sua antiga capital.

No nono século antes de Cristo, a Assíria transformou-se em um império agressivo e poderoso. A esta altura, cerca de quarenta anos após o reinado de Salomão, Israel se dividiu em dois reinos distintos, Israel e Judá (1 Reis 12:16-24). Liderados por monarcas capazes e cruéis, os assírios começaram a ameaçar e conquistar os seus vizinhos. Eles acabaram subjugando todo o Crescente Fértil da Mesopotâmia ao Egito. No final do oitavo século esmagaram o reino de Israel.

E nessa mesma época, eles também invadiram o reino do sul de Judá, conquistando suas principais cidades e sitiando a sua capital, Jerusalém (Isaías 36:1-2). A Bíblia registra as palavras arrogantes do orgulhoso

monarca assírio, Senaqueribe, e como ele tentou intimidar e humilhar Ezequias, rei de Judá (Isaías 36:4-10).

Será que as histórias bíblicas que envolvem este império realmente aconteceram ou são fábulas? Lembre-se, muitos escarnecedores de uma só vez contestaram até a existência do Império Assírio. Mas esse império não era um mito. Quando os escombros de séculos foram removidos de Nínive, uma das capitais do império, uma prova dramática da invasão assíria foi revelada.

Os registros assírios sobre esses eventos mostram Senaqueribe, rei da Assíria, vangloriando-se de sua devastadora invasão a Judá: “Quarenta e seis das poderosas cidades muradas [de Ezequias] e inúmeras pequenas aldeias . . . Eu sitei e conquistei . . . Quanto a Ezequias, o esplendor terrível da minha autoridade o angustiou” (Erika Bleibtreu, “O Horrendo Registro Assírio de Tortura e Morte”, *Análise da Arqueologia Bíblica* [Biblical Archaeology Review], janeiro-fevereiro de 1991, pág. 60). Senaqueribe registrou que tinha feito de Ezequias “um prisioneiro

em Jerusalém, sua residência real, como um pássaro em uma gaiola” (Magnus Magnusson, *A Arqueologia e a Bíblia*, 1977, pág. 186).

O registro bíblico corrobora o relato da invasão assíria de Senaqueribe e aponta o desespero do reino de Judá, quando os assírios sitiaram Jerusalém, seu último reduto remanescente. No entanto, a Bíblia continua a história onde os registros assírios se calam. Com Jerusalém enfrentando a destruição iminente, o povo de Judá, liderado pelo rei Ezequias, orou fervorosamente a Deus (Isaías 37:15-20) e milagrosamente foi salvo contra as probabilidades opressivas.

Senaqueribe, o rei guerreiro, gaba-se de ter humilhado Ezequias, prendendo-o em Jerusalém, e de como cercara a cidade e tinha se preparado para invadi-la.

Embora Senaqueribe meticulosamente registrasse as cidades que tinha conquistado e destruído, uma cidade estava conspicuamente ausente dos registros—Jerusalém. Ele só cita o cerco à cidade de Ezequias—não de sua conquista ou da prisão do rei de Judá. O que aconteceu? Os assírios, como outros grandes impérios da época, não deixavam registros de suas derrotas militares. Como a Bíblia relata, um calamidade sobreveio a eles,

enquanto esperavam para atacar as muralhas de Jerusalém:

“Sucedeu, pois, que naquela mesma noite, saiu o anjo do SENHOR e feriu no arraial dos assírios a cento e oitenta e cinco mil deles; e, levantando-se pela manhã cedo, eis que todos eram corpos mortos. Então, Senaqueribe, rei da Assíria, partiu, e foi; e voltou e ficou em Nínive” (2 Reis 19:35-36).

Senaqueribe-se, mais tarde, ignominiosamente morreu pelas mãos de seus dois filhos. “E sucedeu que, estando ele prostrado na casa de Nisroque, seu deus, Adrameleque e Sarezer, seus filhos, o feriram à espada” (versículo 37). Os registros assírios também confirmam esse assassinato. O filho de Senaqueribe Esarhaddon tomou o lugar do pai, mas o Império Assírio atingiu seu ápice e logo entrou em declínio. A Assíria tinha sido um instrumento para punir Israel por seus pecados repugnantes (Isaías 10:5-6). Por sua vez, os assírios foram punidos por seus próprios pecados (versículo 12). Nínive, a cidade capital, caiu diante dos babilônios em 612 a.C. Cerca de cinquenta anos depois de seu auge, este império voraz entrou em colapso e praticamente desapareceu da história.

Na época de Jesus Cristo e dos apóstolos, nenhuma evidência física de Nínive podia ser vista. Luciano de Samosata

(120-180 d.C.), um escritor grego, lamentou: “Nínive desapareceu. Não resta nenhum vestígio dela. Ninguém pode dizer onde uma vez tenha existido” (Magnusson, pág. 175). E essa insistente invisibilidade levou alguns estudiosos do século XIX a expressar ceticismo sobre a existência de Nínive ou de qualquer parte do Império Assírio, e muito menos seu domínio significativo no mundo.

Na verdade, a única fonte histórica naqueles dias que confirmava a existência do império era a Bíblia. As histórias do Velho Testamento e as profecias falavam sobre a Assíria. Jesus declarou a existência de Nínive como um fato histórico (Mateus 12:41). No entanto, alguns estudiosos contestaram o testemunho de Jesus e dos profetas, isto é, até a “década espectacular no meio do século

XIX . . . [quando] Austen Henry Layard e Paul Emile Botta redescobriram no norte do Iraque os restos antigos de três cidades assírias [incluindo Nínive] e as provas da panóplia militar que esmagou toda a resistência do Tigre ao Nilo. O império assírio . . . com toda a sua incrível força tinha sido ressuscitado através da arqueologia” (Magnusson, pág. 175).

Os céticos foram silenciados. Não havia nada que pudessem dizer. As escavações em Nínive e outras cidades na área resultaram em uma riqueza impressionante de evidências históricas, incluindo “dezenas de milhares de tabuletas”, contendo “uma imensa quantidade de dados” (*Dicionário do Tradutor da Bíblia [The Interpreter's Dictionary of the Bible]*, 1962, Vol 1. “Assíria e Babilônia”, pág. 275). A Bíblia tinha razão o tempo todo.

A Existência do rei Davi Confirmada por Inscrição

Por muitos anos, alguns críticos têm afirmado que muitas figuras bíblicas, incluindo o rei Davi, não passam de mito. Mas em 1993 um impressionante achado forçou os críticos da Bíblia a recuar. Uma equipe

de arqueólogos, escavando no norte da Galiléia “encontrou uma inscrição notável do século IX a.C. que se refere tanto à “Casa de Davi” quanto ao “Rei de Israel” (“Davi” Encontrado em Dã”, *Análise da Arqueolo-*

gia Bíblica [Biblical Archaeology Review], março-abril de 1994, pág. 26).

Esta descoberta foi sensacional o suficiente para ser primeira página no jornal *The New York Times*. A inscrição também mostra que Israel e Judá eram reinos importantes no século IX a.C., contrariando a posição de estudiosos que alegaram que Israel e Judá nunca foram nações de significância e até mesmo contestaram que havia existido uma monarquia unificada sob Davi.

Z. Radovan, Jerusalem



Fragmentos de uma inscrição recuperada no local bíblico de Dan provam que o rei Davi foi uma figura histórica.

Embora este seja mais um elemento de prova que refuta os argumentos daqueles que rejeitaram a história bíblica, devemos entender que é impossível verificar todos os eventos bíblicos através da arqueologia. Grande parte da evidência original não existe mais. Muitos materiais perecíveis há muito que desapareceram. Procurar evidência física de uma pessoa em particular é como procurar uma agulha em um enorme palheiro.

Apesar dessas dificuldades, Davi se une a muitos outros reis

de Israel e Judá, cujos nomes foram registrados nas inscrições da nações vizinhas—entre eles Ahab, Ahaz, Ezequias, Oséias, Joaquim, Jeú, Manassés, Menahem, Omri, Peca e Uzias.

Devemos ter em mente a quantidade relativamente pequena de registros arqueológicos que os cientistas têm descoberto. As escavações, sem dúvida, continuarão a defender os eventos da Bíblia. Apesar da relativa escassez de evidências descobertas, o que foi encontrado até agora apoiou a Bíblia.

O historiador britânico Paul Johnson observa uma mudança no pensamento sobre os mais antigos acontecimentos registrados na Bíblia: “A ciência da arqueologia moderna e filologia histórica realmente proporcionam a verificação dos textos mais antigos da Bíblia. Enquanto que . . . ao longo do século XIX e quase até a Segunda Guerra Mundial, a crítica sistemática dos textos do Antigo Testamento tendia a destruir a sua historicidade, e reduzir o Pentateuco, em particular, a mero mito ou lenda tribal, a tendência ao longo da metade do último século tem avançado bastante na direção oposta . . . a descoberta arqueológica fornece um sólido contexto histórico para a sociedade patriarcal descrita no livro do Gênesis” (*A Busca por Deus [The Quest for God]*, 1996, pág. 12).

A Arqueologia confirma a existência de determinadas pessoas mencionadas na Bíblia?

Em praticamente todas as páginas da Bíblia você vai encontrar o nome de uma pessoa ou lugar.

Como a Bíblia afirma ser a história real, a sua credibilidade repousa sobre sua exatidão histórica. Se as pessoas, lugares e eventos mencionados na Bíblia são parte de relatos factuais, devemos esperar encontrar evidências para apoiar essas histórias. Então, o que as evidências mostram? A arqueologia e a história confirmam ou contestam a Bíblia?

Quando os arqueólogos escavaram as antigas terras da Bíblia, eles descobriram inscrições e outras evidências que comprovaram a existência de dezenas de pessoas mencionadas na Bíblia. Os historiadores se debruçaram sobre os registros antigos e descobriram ainda mais.

Entre as figuras bíblicas, cuja existência foi confirmada pela arqueologia ou outros registros antigos preservados estão as seguintes:

Antigo Testamento

Acabe, rei de Israel
 Acáz (Joacaz), rei de Judá
 Artaxerxes, rei da Pérsia
 Assurbanipal, rei da Assíria
 Azalias, o escriba
 Azarias, avô de Ezra
 Baruque, escriba do profeta Jeremias
 Balaão, profeta moabita
 Belsazar, co-regente da Babilônia



Scott Ashley

Este retrato do monarca assírio Tiglate-Pileser III foi encontrado em seu palácio em Nimrud 26 séculos após sua invasão de Israel em 745 aC.

Ben-Hadade, rei de Aram
 Ciro II, rei da Pérsia
 Dario I, rei da Pérsia
 Davi, rei de Israel
 Esar-Hadom, rei da Assíria
 Evil-Merodaque, rei da Babilônia
 Gedalias, governador de Judá
 Gemarias, o escriba
 Gesém, dignitário nabateano
 Hazael, rei de Aram
 Ezequias, rei de Judá
 Hilquias, sumo sacerdote
 Hofra (Apries), faraó do Egito
 Oséias, rei de Israel
 Jeoaquim, rei de Judá
 Jeú, rei de Israel
 Jehucal (Jucal), oficial da corte
 Jeramiel, príncipe de Judá
 Jezabel, esposa de Acabe, rei de Israel
 Joanã, neto do sumo sacerdote Eliasibe
 Josias, rei de Judá
 Jotão, rei de Judá
 Manassés, rei de Judá
 Manaém, rei de Israel
 Merodaque-Baladã, rei da Babilônia
 Messa, rei de Moabe
 Mesulão, pai de Azalias, o escriba
 Nebo-Sarsekim, oficial babilônico
 Nabucodonosor II, rei da Babilônia
 Neco II, faraó do Egito
 Nergal-Sarezer, rei da Babilônia
 Nérias, pai de Baruque, o escriba
 Omri, rei de Israel
 Peca, rei de Israel
 Rezim, rei de Aram
 Sambalate, governador de Samaria
 Sargão II, rei da Assíria
 Senaqueribe, rei da Assíria
 Seraías, oficial da corte de Zedequias
 Salmanasar III, rei da Assíria
 Salmanasar V, rei da Assíria
 Safã, o pai de Gemarias, o escriba

Sarezer, filho de Senaqueribe
 Sebna, administrador da corte de Ezequias
 Selemias, pai de Jehucal (Jucal)
 Sisaque, faraó do Egito
 Tiglate-Pileser III, rei da Assíria
 Uzias, rei de Judá
 Tiraca (Tirhakah), faraó do Egito
 Xerxes I, rei da Pérsia
 Zedequias, rei de Judá

Novo Testamento

Anás, sumo sacerdote
 Aretas IV, rei dos nabateus
 César Augusto, imperador de Roma
 Caifás, sumo sacerdote
 Cláudio César, imperador de Roma
 Erasto, funcionário público de Corinto
 Gálio, procônsul da Acaia
 Herodes, o Grande
 Herodes Antipas
 Herodes Agripa I
 Herodes Agripa II
 Tiago, meio-irmão de Jesus
 Jesus Cristo
 João Batista
 Nero César, imperador de Roma
 Pôncio Pilatos, procurador da Judéia
 Quirino, governador da Síria
 Sérgio Paulo, procônsul de Chipre
 Tibério César, imperador de Roma

A lista de personagens bíblicos confirmados é detalhada e extensa. Uma grande dificuldade que há muito tempo os críticos da Bíblia têm enfrentado é a diversidade de menções de nomes aparentemente insignificantes. Às vezes listas inteiras que não são funcionais para a narrativa são inseridas aqui e ali.

Alguns críticos argumentaram que os livros bíblicos foram escritos muito mais tarde e que esses nomes foram adicionados para que os relatos *parecessem* autênticos. Outros sugeriram que pessoas importantes das histórias de épocas posteriores foram inseridas furtivamente antes nos relatos ou ainda que os nomes

inseridos teriam uma função poética.

Como, então, eles podem explicar a comprovação arqueológica da existência desses personagens bíblicos na época e nos locais exatos descritos na Bíblia? E, como pode ser visto a partir desta lista, isso tem acontecido dezenas e dezenas de vezes com diversos personagens, desde reis a oficiais plebeus da corte!

Há limites, é claro, para o que a arqueologia possa confirmar sobre a Bíblia. Mas a arqueologia tem verificado não apenas a existência de dezenas de pessoas mencionadas nas Escrituras, mas também centenas de detalhes, tais como cidades, povoados e até mesmo estruturas específicas mencionadas na Bíblia, como palácios, tanques e portões de cidades. Uma e outra vez, a medida que os arqueólogos escavam as terras bíblicas, as provas que surgem confirmam que a Bíblia é um registro antigo autêntico e preciso.

Como o grande arqueólogo William F. Albright, escreveu: “Não pode haver dúvida de que a arqueologia confirmou a historicidade substancial da tradição do Antigo Testamento” (*A Arqueologia e as Religiões de Israel* [*Archaeology and the Religions of Israel*], 1969, pág. 169).

Ele também declarou: “O ceticismo excessivo manifestado contra a Bíblia por

importantes escolas históricas dos séculos XVIII e XIX tem sido paulatinamente desacreditado. Descobertas após descobertas têm confirmado a exatidão de inúmeros detalhes e trouxe maior reconhecimento ao valor da Bíblia como fonte de história” (*A Arqueologia da Palestina* [*The Archaeology of Palestine*], 1960, págs. 127-128).



Esta antiga estela assíria mostra Rei Senaqueribe rezando a seus deuses.

A Bíblia e a Ciência

Os séculos anteriores viram pouco conflito entre as Escrituras e a ciência. Era comum os cientistas e religiosos verem a Bíblia e a ciência em completo acordo. Se uma aparente discrepância vinha à tona, a Bíblia era considerada mais confiável, mas as duas eram amplamente aceitas como harmoniosas.

Mas a harmonia que existia entre a Bíblia e a comunidade científica em grande parte desapareceu. Conforme as más interpretações e as suposições bíblicas incorretas—juntamente com a religião em geral—têm sido desacreditadas, as pessoas têm se voltado cada vez mais, quase que exclusivamente, para a ciência e à razão humana em busca de respostas. Como resultado, as pessoas geralmente têm muito mais confiança na ciência e nas declarações científicas—*comprovadas ou não*—do que na Palavra de Deus.

Um breve olhar sobre o mundo à nossa volta nos mostra que a ciência realmente tem sido entronizada em nossa cultura. A religião, em comparação, tem sido forçosamente destronada. Um recente estudo demográfico concluiu que, das quarenta horas semanais de tempo livre do norte-americano médio, uma norte-americana típica gasta cerca de quinze horas com a televisão e apenas uma única hora com a religião. Entre os homens o tempo dedicado à religião é ainda menor. A tecnologia e o entretenimento têm conspirado para derrubar a religião do seu pedestal.

Nesse ponto, a atitude comum no passado era deixar que a Bíblia tivesse precedência sobre as descobertas científicas, agora a situação é inversa. “Tem se desenvolvido no século XIX o chamado ‘cientificismo’. Ou seja, somente a ciência tem a chave para a verdade e que tudo o que não é científico é falso” (James Hitchcock, *O Que é o Humanismo Secular?* [*What Is Secular Humanism?*] 1982, pág. 44). Hoje, o acadêmico típico vai exaltar um texto de biologia ou uma teoria muito acima da Bíblia.

Quais são as implicações desse enfoque?

Uma realidade importante é que a ciência sozinha não pode nos oferecer uma lei ou um padrão moral que nos diga *como viver*. Porque a ciência se preocupa com as coisas físicas que podem ser observadas, medidas e analisadas, mas rejeita a noção de um mundo espiritual ou de uma influência espiritual nos assuntos humanos. Isso conduziu muitas pessoas a uma visão estritamente materialista. E a rejeitar qualquer dimensão espiritual para a nossa vida e existência, o enfoque materialista presume que o homem é, basicamente, apenas outro animal e que a sobrevivência do mais forte também se aplica às relações humanas.

Vimos este enfoque tragicamente se desenrolar na história. O genocídio foi perpetrado mais de uma vez no século passado. Nossas conquistas científicas agora tornaram o genocídio generalizado uma possibilidade ater-

rador. As armas convencionais, nucleares, químicas e biológicas podem aniquilar populações inteiras.

Quando a comunidade científica substituiu a Igreja no panteão dos deuses da humanidade, ela prometeu uma utopia de paz, prosperidade e abundância que a religião não conseguiu trazer. Mas, infelizmente, o mundo científico tem dado a sua assustadora cota de contribuição para um caldeirão de problemas mundiais.

Além de não ter conseguido produzir um mundo pacífico, ainda nos deu os atemorizantes problemas industriais, a poluição química e nuclear, entre muitos outros. A tecnologia científica, de fato, trouxe-nos muitos benefícios. Mas tem contribuído imensamente para o conjunto assustador de tensões, doenças e medos que enfrentamos hoje.

As soluções bíblicas básicas para os problemas humanos

A Bíblia descreve essa espécie errônea de medo como uma forma de escravidão. Ela também revela como podemos ficar livres do medo (veja Hebreus

2:14-15). Ela nos diz que não há temor no amor (1 João 4:18). O livro de Salmos descreve os servos de Deus buscando-O para acalmar sua ansiedade: “Multiplicando-se dentro de mim os meus cuidados, as tuas consolações reanimaram a minha alma” (Salmo 94:19). O rei Davi entregou suas ansiedades a Deus (Salmos 139:23-24).

A Bíblia compartilha muitos exemplos de pessoas que encontraram conforto ao enfrentar morte e outras tristezas porque acharam nas Escrituras a solução para esses problemas. A Bíblia é um livro prático e voltada para nossas maiores necessidades e fraquezas.

A Palavra de Deus fornece respostas para a maioria dos

problemas. Já vimos que a Bíblia tem um excelente testemunho em sua historicidade e precisão. Mas como sua instrução, caso seja seguida, afeta nossa vida cotidiana? Como sabemos que a informação na Bíblia é verdadeira? Devemos considerá-la apenas por fé?

Certamente, a Bíblia deve ser compreendida e aceita pela fé. No entanto, essa não é uma fé irracional e cega. A Bíblia de nenhum modo nos obriga



A ciência pode nos dizer muito sobre os nossos corpos e pode tratar muitas doenças e lesões. Mas a ciência não nos pode dizer por quê que nós existimos e que é que o futuro reserva para a humanidade.

a cometer suicídio intelectual para estarmos aptos a crer que ela é a Palavra de Deus. Quando devidamente entendida, as Escrituras são eminentemente sensatas, coerentes e lógicas.

Este livro apresenta evidências convincentes de que a Bíblia merece confiança, e muitos outros livros oferecem evidências adicionais com muito mais detalhes. A crença na Palavra de Deus não tem de ser mera esperança; ela pode ser firmemente baseada em fatos quando todas as evidências são consideradas.

Andrew Dickson White, historiador do século XIX, teve problema com aqueles que afirmavam que a Bíblia é um texto científico. O senhor White estava certo ao assinalar que a Bíblia não é um livro científico. Mas *contém* a verdade científica. Ela *é cientificamente precisa*.

A Palavra de Deus fornece respostas para a maioria dos problemas. Já vimos que a Bíblia tem um excelente testemunho em sua historicidade e precisão. Mas como sua instrução, caso seja seguida, afeta nossa vida cotidiana? Como sabemos que a informação na Bíblia é verdadeira? Devemos considerá-la apenas por fé?

Infelizmente, muitas pessoas passaram a ver a ciência e a Bíblia como antagônicas. Embora, às vezes elas pareçam discordar, quando pesamos cuidadosamente todas as evidências antes de chegar a uma conclusão, vemos que as descobertas científicas confirmam o relato bíblico. Devemos ter em mente que a própria ciência é um processo de aprendizagem; novas descobertas regularmente modificam e, em alguns casos, derrubam as premissas anteriormente consideradas como fatos. Alguns cientistas muitas vezes já provaram que outros cientistas estavam errados.

Um olhar mais atento sobre a evidência mostra que as Sagradas Escrituras proclamam e difundem o conhecimento que o homem, através de sua própria pesquisa científica, só descobriu recentemente. Este conhecimento é básico, mas seria muito melhor para humanidade se tivesse sido bem compreendido e aplicado.

Vamos considerar algumas verdades que foram registradas na Bíblia milhares de anos atrás, mas que só recentemente foram redescobertas e confirmadas por outras fontes como cientificamente comprovadas.

A instrução da Bíblia está muito à frente de seu tempo

Embora a Bíblia não dê uma grande quantidade de instrução sobre a saúde e medicina, ela provê fundamentalmente bons conselhos que são aceitos pela maioria das pessoas.

Para compreender quão à frente de seu tempo demonstra estar a instru-

ção da Bíblia, considere a situação do conhecimento médico no Egito, a nação mais poderosa no período em que Deus revelou Suas leis de saúde a Moisés. Os egípcios sofreram muitas doenças, porque não compreendiam os princípios de saúde que Deus deu a Moisés. Sua ignorância é ilustrada no Papiro de Ebers, um texto médico egípcio que data de 1500 a.C. (no tempo de Moisés).

“Os remédios prescritos neste papiro egípcio são embaraçosos aos leitores modernos. Alguns dos tratamentos incluíam: poeira de estátua, cascas de besouros, rabos de rato, pêlos de gato, olhos de porco, dedos do cão, leite materno, sêmen humano, olhos de enguia, e tripas de ganso . . . Para tirar farpas, os médicos do antigo Egito aplicavam uma pomada de sangue de minhoca e estrume de burro. Uma vez que o estrume está cheio de esporos do tétano, uma simples farpa resultava frequentemente em uma morte horrível por trismo” (Doutor S.I. McMillen e doutor David Stern, *Nenhuma Dessas Doenças* [*None of These Diseases*], 2000, pág. 10).

Os egípcios acreditavam que espíritos malignos fossem a causa de doenças. Consequentemente, os médicos-sacerdotes aplicavam a cura “mágica”. Por outro lado, as instruções bíblicas sobre a manutenção da saúde e recuperação da doença envolviam a aplicação dos princípios de causa e efeito—baseados na verdadeira ciência—entregues milhares de anos antes que os cientistas desenvolvessem a tecnologia que permitiu descobrir os germes, bactérias, vírus, genes e assim por diante. A medicina moderna tem *descoberto* muitos princípios de boa saúde, mas *provindos de Deus*.

Moisés e a medicina egípcia

Moisés viveu no Egito, enquanto semelhantes “tratamentos” equivocados estavam sendo praticados. Levado à corte real como um filho adotivo da filha do faraó, ele foi “educado em toda a ciência dos egípcios” (Atos 7:22, ARA)—que sem dúvida incluíam estas perigosas práticas infecciosas.

Se Moisés tivesse simplesmente confiado em seu próprio aprendizado para escrever as instruções básicas de saúde para a nação de Israel, poderíamos esperar que ele incluísse muitos desses equívocos médicos dos egípcios. No entanto, não encontramos um sequer.

Em contrapartida, Deus fez uma promessa surpreendente: “Se ouvires atento a voz do SENHOR, teu Deus, e fizeres o que é reto diante dos seus olhos, e deres ouvido aos seus mandamentos, e guardares todos os seus estatutos, nenhuma enfermidade virá sobre ti, das que envieí sobre os egípcios; pois eu sou o SENHOR, que te sara” (Êxodo 15:26, NVI).

Por vários séculos os israelitas, como os egípcios ao seu redor, tinham morrido de doença aos milhares. A promessa de Deus de libertação das doenças era surpreendente!

“Deus entregou a Moisés, em seguida, muitas regras de saúde, preenchendo uma seção inteira da Bíblia . . . Milhares de pessoas morreram ao longo dos séculos, mas foi porque os médicos ignoravam as regras bíbli-

cas. Finalmente, quando os médicos leram e executaram essas diretrizes, rapidamente descobriram como evitar a propagação de epidemias. Assim, Moisés poderia ser chamado de pai do moderno controle de infecções. Até hoje ainda somos beneficiados pelas instruções de Deus de três mil e quinhentos anos atrás” (McMillen e Stern, pág. 11).

Instruções básicas de medidas sanitárias

Em comparação com os tratamentos médicos insalubres dos egípcios, Deus enfatizou a limpeza física para o Seu povo. Hoje nenhuma pessoa educada duvida da relação entre higiene e saúde. As principais pragas e epidemias que mataram milhões através dos tempos, geralmente se originaram porque esse princípio foi comprometido de alguma forma. O *cólera*, por exemplo, tem sido uma das principais causas de morte ao longo da história. Essa doença surge quando os princípios de saneamento são infringidos, e as epidemias resultantes podem ter alcance mundial.

Para ilustrar, uma pandemia de cólera que começou na Índia em 1817, se espalhou para a China, Sri Lanka, África Oriental, Filipinas, Japão, Pérsia, Arábia e Rússia. Outra onda começou na Índia em 1826, seguindo um curso semelhante, mas também se espalhou para a Europa continental e Ilhas Britânicas. De lá, ela cruzou o Atlântico rumo ao Canadá, e então encontrou seu caminho para os Estados Unidos, onde se espalhou por quase todo o país antes de, finalmente, extinguir-se em 1838.

Atualmente, o *cólera* é endêmico em muitas partes do mundo e emerge quando as condições insalubres prevalecem. Isto é particularmente verdade quando não existe o adequado tratamento de esgoto, porque a doença é normalmente transmitida a partir da matéria fecal de vítimas de cólera. Se ocorrer um colapso em grande escala das medidas sanitárias, as autoridades sanitárias advertem que os modos de viagens rápidas de hoje poderiam levar a uma pandemia de cólera em semanas ou meses.

Entretanto, milhares de anos atrás, a Bíblia já tinha instruções que preveniam o cólera, tifo, desintéria, hepatite e outras epidemias similares: “Arranjem um lugar fora do acampamento onde poderão fazer necessidade. Junto com as suas armas levem uma pá e, antes de fazer necessidade, cavem um buraco e depois cubram as fezes com terra” (Deuteronômio 23:12-13, BLH).

“Se usado como diretriz, esta receita [simples] poderia ter salvo mais vidas do que todos os remédios até hoje” (McMillen e Stern, pág. 34). Deus determinou que os dejetos humanos deviam ser eliminados de um modo que as pessoas e os animais ficassem longe de seu contato direto. Sabemos, por triste experiência, que a imprudência de povos negligentes pode iniciar uma epidemia em larga escala, principalmente se uma comunidade for relapsa com as normas sanitárias. A diligência coletiva é essencial para evitar a propagação de doenças contagiosas—assim como Deus ordenou três mil e quinhentos anos atrás.

A lição da Peste Negra

Como acabamos de ver, o fundamento da boa saúde é um código sanitário adequado. A Bíblia revela os fundamentos desse código no livro de Levítico. Esse livro “trata da higiene pública, do abastecimento de água, do esgoto sanitário, da inspeção e seleção de alimentos e do controle de doenças infecciosas” (*Novo Dicionário da Bíblia*, 1996, “Saúde, Doença e Cura”). Apesar de hoje levarmos a sério esse conhecimento, tais princípios passaram a ser compreendidos e aceitos pelos cientistas apenas nos últimos séculos.

A maioria desses princípios foram desdenhados durante a Idade Média na Europa. Por quê? Simplesmente porque a Bíblia não estava disponível em toda parte. As consequências de somente poucas pessoas terem o conhecimento oferecido foram catastróficas.



A temida Peste Negra prosperou nas condições insalubres da Europa medieval. Judeus, que eram muito mais bem familiarizados com as Escrituras, sofreram muito menos, porque eles praticavam os princípios bíblicos de limpeza.

A temida Peste Negra da Idade Média se alastrou por causa das condições insalubres da Europa medieval. A praga apareceu lá pela primeira vez em 1347, “quando uma frota genovesa retornando do Oriente fez uma escala no porto de Messina, todos os membros de suas tripulações estavam mortos ou estavam morrendo de uma mescla de peste bubônica, pneumonia e de cepas septicêmicas” (Manchester, pág. 34). As pragas resultantes desse século estima-se que mataram cerca um quarto da população do Continente.

A praga ressurgiu periodicamente na Europa por várias centenas de anos. Era prática comum nas cidades da Idade Média permitir o acúmulo de lixo e esgoto nas ruas. Esse lixo era uma fonte de alimento abundante para uma população crescente de ratos, que serviam de hospedeiros para as pulgas, que, por sua vez, carregavam os organismos da praga.

No entanto, as pessoas que praticavam as normas sanitárias descritas na

Bíblia foram afetadas de modo menos severo. A população judaica, que era muito mais familiarizada com as Escrituras nessa época, sofreu bem menos porque praticou os princípios bíblicos de higiene.

Por exemplo, eles realizavam uma limpeza completa em suas casas a cada ano para remover o fermento, ao se preparar para a Festa bíblica dos Pães Asmos (Êxodo 12:15, 19), e nessa ocasião se removiam até as migalhas de alimentos que atraíam ratos e camundongos. E uma de suas práticas de proteção, enquanto durou a peste, era a de colocar em quarentena os suspeitos de estarem infectados (compare Levítico 13:46).

Na verdade, “a origem da palavra ‘quarentena’ [do latim por quarenta] é judaica, pois usavam um período de quarenta dias de segregação para pacientes que tinham certas doenças . . . adotada pelos italianos no século XIV por causa da relativa imunidade de judeus a algumas pragas” (*Novo Dicionário da Bíblia [New Bible Dictionary]*, 1996, “Saúde, Doença e Cura”, pág. 455).

Se esses princípios bíblicos de saúde pública tivessem sido usados pelas pessoas assim que a Peste Negra começou, a epidemia poderia ter sido controlada ou eliminada. A mortalidade, sem dúvida, teria sido apenas uma fração do que foi. Centenas de milhares de vidas poderiam ter sido salvas.

Morte em Viena

Na Europa do século XIX, ninguém sabia nada sobre bactérias. Em um hospital em Viena, O doutor Ignaz Semmelweis ficou estarrecido com a taxa de mortalidade das mulheres grávidas que vinham ao hospital para dar à luz. As mortes foram atribuídas à “febre do parto”. Depois que as mulheres morreram, estudantes de medicina realizaram as autópsias e logo em seguida tratavam os pacientes vivos.

Depois de muita observação, doutor Semmelweis chegou a uma conclusão revolucionária: Os agentes contaminantes nas mãos dos estudantes de medicina é que seriam os responsáveis por espalhar a morte de um paciente a outro. Assim, ele ordenou que os estagiários lavassem as mãos em água clorada.

Então, ele ficou monitorando os resultados. “Os livros de história nos contam o que aconteceu a seguir . . . Em apenas três meses a taxa de mortalidade caiu de dezoito para um por cento” (McMillen e Stern, pág. 20).

No entanto, há mais de três mil anos Deus já tinha revelado a Moisés as medidas sanitárias que deviam ser tomadas quando as pessoas tocassem em um cadáver. Primeiro, elas deveriam ser consideradas “impuras” por sete dias e tinham que lavar-se com água no terceiro e no sétimo dia (Números 19:12-13). Enquanto uma pessoa estivesse impura, ela devia evitar o contato social com os outros.

Embora servisse a um propósito ritualista, esta lei também protegia da exposição a outras bactérias prejudiciais, mesmo que as pessoas na época não soubessem que tais coisas existiam. O procedimento de lavagem lim-

pava os germes da pessoa, e a exposição ao ar fresco e a luz solar entre as lavagens ajudava nesse processo de purificação.

Os benefícios da pureza sexual

Uma das controvérsias atuais que gira em torno da permissividade sexual na sociedade é o imperativo da prática do “sexo seguro”. A verdade é que existe apenas um tipo de sexo completamente seguro, que é viver de acordo com as leis bíblicas sobre o comportamento sexual. As práticas sexuais devem ser *sempre* monogâmicas e sempre dentro do contexto do casamento.

As taxas de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e infecções sexualmente transmissíveis (IST) estão altas em todo o mundo. “Mundialmente, estima-se que existam mais de trezentos milhões de casos de IST por ano” (*Livro de Johns Hopkins Para Saúde da Família [Johns Hopkins Family Health Book]*, 1999, pág. 861). E “em todo o mundo nas próximas décadas acredita-se que a AIDS matará quase trezentos milhões—mais do que o total da população dos Estados Unidos” (McMillen e Stern, pág. 116).

Uma das controvérsias atuais que gira em torno da permissividade sexual na sociedade é o imperativo da prática do “sexo seguro”. A verdade é que existe apenas um tipo de sexo completamente seguro, que é viver de acordo com as leis bíblicas sobre o comportamento sexual. As práticas sexuais devem ser sempre monogâmicas e sempre dentro do contexto do casamento.

Alguns especialistas promovem os preservativos como uma maneira confiável de impedir essas epidemias. Mas os preservativos não são a resposta. “Os preservativos, há muito tempo alardeados como sinônimo de sexo seguro para a saúde pública, *não protegem contra a disseminação de todas as doenças sexualmente transmissíveis*, de acordo com um relatório de avaliação emitido pelo Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos da América” (*Saúde da Mulher Weekly [Women’s Health Weekly]*, Setembro, 6, 2001, grifo nosso).

Um número muitíssimo grande de pessoas perde sua saúde, sua capacidade reprodutiva e às vezes até a própria vida por causa da promiscuidade sexual. E elas somente se arrependem quando é tarde demais. “Porque os lábios da mulher estranha destilam favos de mel, e o seu paladar é mais macio do que o azeite; mas o seu fim é amargoso como o absinto, agudo

como a espada de dois fios . . . e gemas no teu fim, quando se consumirem a tua carne e o teu corpo” (Provérbios 5:3-4, 11).

A promiscuidade sexual também pode causar danos psicológicos. O adultério enche uma pessoa de culpa e destrói casamentos. A libertinagem sexual antes do casamento diminui a felicidade após o casamento.

Para muitas pessoas o concubinato substitui o casamento. No entanto, é um substituto vulgar e pecaminoso. “As pessoas que estão coabitando em geral são menos felizes do que as que estão casadas e são menos satisfeitas com suas vidas sexuais” (Linda Waite e Maggie Gallagher, *Em Defesa do Matrimônio* [*The Case for Marriage*], 2000, pág. 74).

Um estudo sistemático encontrou “níveis mais elevados de prazer físico e emocional em pessoas casadas do que em pessoas que coabitam ou solteiras” (*Jornal do Casamento e da Família* [*Journal of Marriage and Family*], fevereiro de 2001). Ademais, aqueles que vivem em concubinato correm um grande risco de contrair DST, podendo transmitir aos seus futuros parceiros sexuais, inclusive aos seus futuros cônjuges.

O Sétimo Mandamento—“Não cometerás adultério”—é o caminho de Deus para prevenir as epidemias de doenças sexualmente transmissíveis, bem como para nos ajudar a alcançar a felicidade sexual e para outras esferas da vida. “Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros” (Hebreus 13:4, NVI).

Tratamento de feridas

A Bíblia também mostra por exemplo como um ferimento deve ser tratado e enfaixado. A história do bom samaritano conta que ele aplicou vinho e azeite nas feridas da vítima, em seguida, enfaixou-as para protegê-las enquanto cicatrizava (Lucas 10:34). O vinho serviu de desinfetante e o azeite de oliva como loção calmante.

Como *A Enciclopédia Internacional Padrão da Bíblia* [*The International Standard Bible Encyclopedia*] observa: “O azeite tem algumas qualidades curativas e ainda é usado na medicina moderna”. A mistura de vinho e óleo produz um anti-séptico com o qual o samaritano tratou a vítima (1986, “Óleo”). Estes procedimentos foram esquecidos por séculos até serem redescobertos nas últimas décadas.

Se técnicas semelhantes fossem conhecidas e utilizadas ainda na Guerra Civil Americana, a taxa de mortalidade poderia ter sido muito menor. Nessa guerra “mais da metade dos homens que morreram não foram mortos em ação, mas simplesmente morreram por doenças no acampamento militar: febre tifóide, pneumonia, disenteria e doenças infantis como sarampo e catapora”.

Milhares morreram por ferimentos em batalha, ferimentos relativamente pequenos mas que se infeccionaram. “Não se sabia sobre como e por que as feridas se infeccionavam . . . O número de homens que simplesmente adoe-

ceram e morreram, ou que tinham pequenas escoriações ou cortes, e que nessa ocasião nada pôde ser feito para impedir essa infecção, foi horrível” (Bruce Catton, *Reflexões sobre a Guerra Civil*, 1982, pág. 43).

O poder de uma atitude positiva

Numerosos outros exemplos confirmam a veracidade de princípios bíblicos registrados há milhares de anos. “Ficar com raiva [habitualmente] é como tomar, paulatinamente, uma pequena dose de veneno—arsênico, por exemplo—todos os dias da sua vida” (Doutor Redford Williams, e doutora Virginia Williams, citado por McMillen e Stern, pág. 205). A Bíblia nos exorta, em muitas partes, para não ficarmos irritados facilmente. “A pessoa que se mantém calma é sábia, mas a que facilmente perde a calma mostra

que não tem juízo”, diz Provérbios 14:29, BLH.

Provérbios 17:22 nos diz que “o coração alegre serve de bom remédio”. Uma perspectiva geral animada e otimista contribui para a boa saúde.

Pesquisas científicas confirmam esta simples verdade. Um estudo de vinte e sete anos realizado pela Universidade de Duke “descobriu que as pessoas que apresentavam . . . desespero, baixa auto-estima, falta de motivação . . . eram setenta por cento mais propensas a ter um ataque cardíaco” (*Jornal Portland Oregonian*, 20 de junho de 1996). Outros



Trinta minutos de exercício três vezes por semana e 15 minutos de riso diário é provavelmente bom para o sistema vascular.

estudos têm mostrado que a inimizade irresoluta e prolongada é um fator significativo para ataques cardíacos.

Em outro estudo, O doutor Michael Miller e seus colegas da Universidade de Medicina de Maryland, em Baltimore, testaram a função dos vasos sanguíneos de vinte voluntários saudáveis enquanto lhes foi mostrado dois filmes—um humorístico e outro muito estressante. Eles se concentraram principalmente no endotélio, o revestimento dos vasos sanguíneos, onde a aterosclerose (endurecimento das artérias) começa.

Eles descobriram que o fluxo de sangue diminuiu em quatorze dos vinte voluntários depois que assistiram a clipes de filmes estressantes. O fluxo sanguíneo deles diminuiu em média trinta e cinco por cento durante esses períodos estressantes.

Em contrapartida, dezenove dos vinte participantes do estudo tinham

aumentado o fluxo de sangue enquanto riam durante as partes de humor do filme, e esse aumento do fluxo sanguíneo deu-se em uma média de vinte e dois por cento.

“Nós não estamos recomendando que você sorria e abandone os exercícios, mas recomendamos que você tente rir regularmente”, disse o doutor Miller na informação sobre o estudo. “Trinta minutos de exercício três vezes por semana e quinze minutos de risadas diariamente é, provavelmente, bom para o sistema vascular”. Ele explicou que “rir pode ser importante para manter o endotélio saudável, e reduzir o risco de doença cardiovascular”.

Ele também explicou que “a magnitude da mudança que vimos no endotélio é similar ao benefício que poderíamos ver com atividade aeróbica, mas sem as dores, sofrimento e tensões musculares associadas ao exercício físico”.

Em outro estudo, mil e cinco pacientes com insuficiência cardíaca foram monitorados e testados quanto à depressão pelo doutor Wei Jiang e seus colegas da Universidade Duke da Carolina do Norte. O doutor Jiang informou que os pacientes com depressão leve apresentaram um risco de morte quarenta e quatro por cento maior do que aqueles que não tiveram depressão, excluindo outros fatores como idade, estado civil e causas naturais de falha cardíaca nos pacientes.

As instruções da Bíblia sobre dietas

Os teólogos e também médicos pesquisadores têm reconhecido os benefícios de seguir as leis dietéticas das Escrituras. Comentando sobre Levítico 11-15, *O Comentário Bíblico Expositivo* afirma: “Em geral, pode-se dizer que essas leis protegiam Israel da alimentação deficiente, dos parasitas perigosos e das doenças transmissíveis. Somente nos últimos dias as leis de saúde têm melhorado por causa do avanço da medicina. Essas eram leis de bom senso que Deus sabiamente deu a um povo que não poderia entender o motivo dessa precaução . . .

“Os hebreus não apenas deviam evitar comer animais imundos como também não podiam tocar em seus cadáveres. Assim, essas leis automaticamente ajudaram a controlar os parasitas. Animais imundos comuns em residências, são as aranhas, moscas, besouros, ratos e camundongos. Um rato morto em uma casa hebréia não era deixado de lado. Ele era cuidadosamente retirado e enterrado. Em um esforço para evitar tais problemas, a dona de casa hebréia normalmente mantinha sua casa limpa . . .

“Obviamente, é verdade que algumas culturas adotaram regras similares por causa de tristes experiências. Ele [o Antigo Testamento] não obteve suas proibições das culturas ao seu redor, mas algumas outras culturas em épocas seguintes adotaram, por experiência, algumas dessas restrições . . . Essas leis foram maravilhosamente criadas por Deus para a saúde geral da nação” (R. Laird Harris, vol. 2, 1990, pág. 569).

O professor de teologia Roland Harrison escreve: “A classificação de espécies de animais em categorias puras e impuras (Levítico 11:1-47) é significativa porque, sendo parte do código médico do Pentateuco, foi constituída com base em regulamentos dietéticos que ainda são respeitados por judeus ortodoxos e por aqueles gentios que estão preocupados em manter a boa saúde física”.

“Esta categorização também é importante tendo em vista o fato de ser única nos anais da literatura do Oriente Próximo, porque sua ênfase em prevenção não é sobre práticas de magia associadas com certas espécies de animais, mas sobre a delimitação positiva de princípios dietéticos destinados a garantir o bem-estar físico do indivíduo e da nação através de uma abordagem coerente [preventiva]” (*Introdução ao Antigo Testamento* [Introduction to the Old Testament], 1999, pág. 603).

O ponto de vista dos médicos



As leis de saúde da Bíblia são baseadas em fatos médicos? O doutor Rex Russell escreve: “Quando olhamos para a ciência e a nutrição moderna, nós vemos que . . . há uma ligação surpreendente entre as leis originais de Deus da pureza e da impureza e os rígidos princípios de higiene . . . As Escrituras e a pesquisa médica concordam que viver o estilo de vida moderno sem referência às leis de Deus encurta a vida e apressa a morte” (*O Que a Bíblia Ensina Sobre Vida Saudável* [What the Bible Says About Healthy Living], 1999, págs. 14, 16).

A Bíblia contém muitas leis de saúde e princípios práticos que, depois de serem ignorados ou esquecidos, foram redescobertos somente nas últimas décadas.

O nutricionista David Meinze diz que mesmo que não possamos compreender todos os aspectos das leis dietéticas bíblicas, seria sensato segui-las. “Grande parte da sabedoria revelada na Bíblia agora faz sentido para nós por causa da nossa perspectiva moderna”, diz ele, “mas isso significa que devemos desconsiderar as partes que ainda não foram cientificamente comprovadas?”

“Nós somente descobrimos que a gordura animal é ruim para nós nos últimos cinquenta anos. Para o cristão de um século atrás, a ordem em Levítico 3:17 para evitar gordura animal não fazia nenhum sentido. No entanto, está claro para nós hoje. E se há algo na lagosta que é prejudicial

para a nossa saúde? E se não descobrirmos o que é prejudicial até daqui a cinquenta anos? Precisamos de provas científicas para dar à Bíblia o benefício da dúvida?” (*Alimentação pelo Livro [Eating by the Book]*, 1999, pág. 226).

O doutor Reginald Cherry comenta sobre a razão pela qual médicos e pesquisadores passaram a concordar com a instrução bíblica de não comer gordura. Ele pergunta, “Por que essa proibição contra a gordura é tão importante para nós? Mais de cinquenta e três por cento das pessoas nos grandes países industrializados morrem de doença cardíaca. A doença cardíaca é comumente causada por depósitos de gordura que se acumulam nas artérias, muitas vezes no início da adolescência” (*A Bíblia Cura [The Bible Cure]*, 1998, pág. 20).

Tabus culturais ou revelação divina?

Se algumas das regras alimentares da Bíblia, como tem sido mostrado, oferecem benefícios à saúde, o que podemos dizer das outras instruções?

O doutor Cherry continua: “O Velho Testamento . . . transborda em muitas revelações de Deus sobre higiene, alimentos saudáveis e prevenção de doenças . . . Como um médico especializado em medicina preventiva, acho o Antigo [Testamento] fascinante e intrigante. Ao longo de seu texto hebraico antigo, encontra-se muitos segredos e mistérios revelados sobre o que devemos comer, como evitar objetos e doentes contaminados, e quais substâncias naturais são usadas por Deus para efetuar a cura”.

O doutor Cherry explica que as instruções comprovadas da Bíblia a respeito de saúde e dieta são ainda mais surpreendentes ao considerar a falta de interesse dos médicos quanto à medicina dos antigos hebreus quando comparados com outras culturas ao redor deles.

“Os hebreus não procuravam saber mais sobre a anatomia, ciência ou a ordem natural como fizeram seus contemporâneos das civilizações antigas do Egito, Mesopotâmia e Grécia”, observa ele. “Muito pelo contrário: Qualquer coisa que possa ser descoberta nos antigos textos hebraicos da Bíblia chegou a eles através do conhecimento sagrado e sobrenatural revelado por Deus.

“Assim, o que poderá vir a ser descoberto do Antigo [Testamento] não surgiu de especulações humanas sobre saúde e medicina, mas sim da própria Palavra de Deus e de Seu caminho de cura para nós—Sua criação. Como Criador, Deus sabe mais sobre nossos corpos, Sua criação, do que poderíamos descobrir através da filosofia ou da ciência” (págs. 16-17).

Ele cita como exemplo as instruções da Bíblia sobre que tipos de animais que podem ser consumidos. “As listas de animais puros e impuros em Levítico 11 e Deuteronômio 14 têm um significado, muitas vezes ignoradas. Longe de ser um catálogo de proibições alimentares baseado em modismo ou extravagância, estas listas destacam um fato que não foi descoberto até o final [de 1800] e que ainda não é de conhecimento geral: Animais são

portadores de doenças perigosas para o homem” (pág. 22).

Risco para a saúde dos seres humanos?

O doutor Russell pergunta: “O que é tão bom quanto carnes ‘puras’ e tão ruim quanto carnes ‘impuras’?” Ele explica que “a carne de animais limpos como a carne bovina e peixes com escamas e barbatanas, é ideal para a saúde dos seres humanos—como se pode esperar da mão de um Criador amoroso . . . Muitos animais terrestres que Deus destinou para alimentos provêem um benefício adicional na medida em que, geralmente, comem ervas e grãos, também projetados para servir de alimento” (Russell, págs. 73-74).

Em contrapartida, David Mainz resume o risco potencial à saúde ao comer criaturas classificadas na Bíblia como impuras. “Quase todas as criaturas na lista dos impuros são necrófagos”, observa ele. “Em muitos casos eles não caçam seu próprio alimento, mas comem a matéria morta e em decomposição de nosso meio ambiente. Um peixe-gato age assim no fundo de uma lagoa; as lagostas e os camarões fazem isso no oceano. Um porco come qualquer coisa. Os abutres, quase por definição, são conhecidos por seus hábitos de necrofagia” (Mainz, pág. 225).

O doutor Russell observa que “as diferenças entre os animais puros e os impuros parecem estar relacionados com sua fonte primária de alimento e seus sistemas digestivos. Os detritívoros, que comem qualquer coisa, não são adequados para o alimento, segundo a Bíblia. Os animais descritos como limpos, e, portanto, bons para se comer, comem principalmente ervas e grãos.

“. . . [Mas], note que um animal não tem que ser um detritívoro para ser imundo. Os cavalos e os coelhos, por exemplo, são impuros, porque não têm cascos fendidos. Apesar de serem considerados uma boa comida em alguns países, estudos têm mostrado que a carne de cavalo, muitas vezes, contém vírus e parasitas. Os coelhos, tão inocentes como parecem, são a causa da tularemia (uma doença infecciosa) em seres humanos.

“Uma das razões para a carne suína ser proibida por Deus é que o sistema digestivo de um porco é completamente diferente de uma vaca. É semelhante ao nosso, em que o estômago é muito ácido. Os porcos são glutões, nunca sabem quando parar de comer. Os ácidos de seu estômago então se diluem por causa do volume de comida, permitindo que todo tipo de verme passe por essa barreira de proteção. Os parasitas, as bactérias, os vírus e as toxinas podem passar para a carne do porco por causa do excesso de alimento. Essas toxinas e os agentes infecciosos podem ser transmitidos aos seres humanos quando comem a carne de porco” (Russell, págs. 76-77).

O doutor Don Colbert acrescenta: “Além de serem glutões, os suínos também são animais extremamente sujos. Eles comem lixo, fezes e até mesmo carne em decomposição. Tudo o que é comido geralmente se torna parte da própria carne do porco . . . Além das doenças que os suínos

normalmente carregam, a carne de porco também é muito gordurosa. As toxinas da carne de porco estão depositadas principalmente na gordura, a qual não é separada da carne como no caso da carne bovina sem gordura, mas está espalhada por toda a carne” (*O Que Jesus Comerá? [What Would Jesus Eat?]* 2002, págs. 49-50).

À luz desses fatos raramente divulgados, podemos compreender e apreciar melhor as palavras de Deus por meio de Moisés: “Guarda e ouve todas estas palavras que te ordeno, para que bem te suceda a ti e a teus filhos, depois de ti para sempre, quando fizeres o que for bom e reto aos olhos do SENHOR, teu Deus” (Deuteronômio 12:28). (Para saber mais sobre este assunto, peça ou baixe nosso livro gratuito “*O que a Bíblia Ensina Sobre Carnes Limpas e Imundas?*”)

As Escrituras e a ciência não se contradizem, se complementam

A verdadeira ciência e a Bíblia não entram em conflito. Não há nenhuma necessidade dos defensores de ambos os lados se envolverem em uma longa guerra. Um estudo de mente aberta revela que a ciência e as Escrituras se complementam e muitas vezes defendem uma à outra, como demonstram os exemplos neste livro.



A humanidade precisa da Bíblia e da ciência. Só podemos descobrir certos princípios da verdade a partir da fonte divina de revelação, a Bíblia. Devemos também estudar para aumentar o nosso conhecimento científico, para melhorar nossa situação e para entender melhor o nosso mundo.

Alguns cientistas e teólogos

Homens de Deus têm sempre exaltado a Palavra de Deus em primeiro lugar, mas também não têm medo da ciência. Eles sabem que a criação e a existência de leis físicas são provas da mão-de-obra de Deus.

têm reconhecido que as duas áreas de estudo não precisam ser antagônicas. Há muitos séculos, quando a ciência moderna ainda estava em sua infância e antes de alguns de seus exaltados proponentes declararem guerra contra a Bíblia, muitos homens razoáveis viram o valor de ambas.

Durante esse tempo, “os defensores da investigação científica, muitas vezes argumentavam que Deus revelou-Se em dois livros—o livro de Suas palavras (a Bíblia) e o livro de Suas obras (a natureza). Como havia a obri-

gação de estudar o primeiro, também havia, obrigatoriamente, que estudar o último” (John Hedley Brooke, *Ciência e Religião: Algumas Perspectivas Históricas* [*Science and Religion: Some Historical Perspectives*], 1995, pág. 22).

O estudo de um deles—a Bíblia—é essencial. O estudo do outro é útil. Os homens de Deus sempre elevaram a Palavra de Deus em primeiro lugar, mas eles não tinham medo da ciência. Eles sabiam que a criação e a existência das leis físicas eram uma prova da obra de Deus (veja “Os Escritores Bíblicos: Homens de Deus e da Ciência” na página 56).

Quando a Bíblia parece não concordar com a ciência

O que devemos fazer quando a Bíblia parece não concordar com a ciência?

Nos últimos séculos a natureza investigativa da humanidade junto com nossa crescente capacidade de registrar, analisar e repassar o que aprendemos tem produzido um aumento impressionante do conhecimento. Surpreendentemente, a Bíblia previu esta explosão do conhecimento como uma característica da sociedade moderna muito antes de nossos avanços tecnológicos e científicos pudessem ter sido imaginados (Daniel 12:4).

Algumas pessoas acreditam que muito do conhecimento adquirido recentemente discorda da Bíblia, particularmente nas áreas de biologia, antropologia, geologia e astronomia. É precisamente essa a percepção—da ciência contradizer as Escrituras—que tem levado muitas pessoas a duvidar da veracidade e da autoridade da Bíblia.

À primeira vista, vemos o que parece ser uma rota de colisão da revelação com a ciência. Nós achamos que devemos escolher entre a evidência física e científica e as declarações das Escrituras. O resultado desse dilema pode nos trazer aflição. Mas a própria Bíblia nos incentiva a encontrar respostas, a rever toda a informação relevante antes de chegar a uma conclusão (Provérbios 18:13).

Nós tivemos a oportunidade de verificar que o *verdadeiro* conhecimento científico não discorda da Bíblia. Nem a Bíblia contradiz as descobertas científicas comprovadas. Abordamos alguns desses supostos conflitos neste livro.

Embora a Palavra de Deus nos encoraje a aprender e descobrir a verdade, ela também nos insta a manter a mente aberta. Muitas pessoas afirmam que a Bíblia diz certas coisas que na realidade não diz. Outros se apegam a uma mentalidade preconceituosa contra as Escrituras, porque imaginam que existe uma montanha de evidências contradizendo o registro bíblico.

Infelizmente, será difícil para essas pessoas darem à Bíblia uma oportunidade justa. Esperamos que você possa buscar a verdade, examinando objetivamente a evidência para ver se a Bíblia é de fato o que afirma ser: a Palavra inspirada de Deus.

Os Escritores Bíblicos: Homens de Deus e da Ciência

Salomão, rei de Israel, era um homem de notável erudição. A Bíblia descreve-o como uma pessoa de grande influência e conhecimento em disciplinas científicas. Salomão entendeu o movimento dos ventos sobre a terra e do ciclo hidrológico, que traz a chuva (Eclesiastes 1:6-7). Ele era um horticultor e cultivava uma grande variedade de vinhedos, jardins e pomares (Eclesiastes 2:4-5).

Ele era uma mescla de botânico e zoólogo, entendia sobre plantas, animais, pássaros, insetos e peixes (1 Reis 4:33). Ele era um estudante de sociologia, psicologia e relações humanas, como demonstrado pelo assunto do livro de Provérbios.

Mas Salomão acabou percebendo que todo seu conhecimento científico e físico não lhe traria satisfação. Sua vida ficou vazia e insatisfatória. Seu foco no conhecimento científico, sem a devida ênfase no conhecimento e entendimento espiritual de Deus, deixava a vida sem sentido (Eclesiastes 1:16-18). Ele concluiu, após muita retrospectão, que um homem deve colocar o conhecimento de Deus em primeiro lugar: “De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque

isto é o dever de todo homem” (Eclesiastes 12:13, ARA).

Moisés é outro exemplo de um homem treinado nas ciências físicas, mas abençoado com entendimento espiritual. Moisés foi educado “em toda a ciência dos egípcios” (Atos 7:22). Com a orientação de Deus ele poderia separar o bom do mau, e, sem dúvida, sua educação foi de grande ajuda em sua vida para cumprir o chamado de Deus para liderar seus irmãos israelitas da escravidão do Egito e para governar uma nação.

Outros homens de Deus foram educados na artes intelectuais de seus dias. O profeta Daniel era um aluno brilhante instruído na escola superior de artes ou ciências dos babilônios (Daniel 1:4). O Império Babilônico da época de Daniel dominou o mundo e foi cientificamente avançado, principalmente na astronomia.

Daniel, aparentemente, não viu nenhum conflito entre as verdades científicas que os babilônios tinham descoberto e os conhecimentos de Deus, que ele tinha aprendido desde sua juventude. Na verdade, ele prosperou, servindo aos governantes dos impérios babilônico e medo-persa como um funcionário do alto escalão do

governo. A educação de Daniel não minou sua fé em Deus. Ele sabia que a Palavra de Deus era uma verdade inviolável e não viu nenhum conflito entre o conhecimento científico e as Escrituras.

Devemos estudar as Escrituras para alcançar a vida eterna (João 5:39). Mas, havendo tempo e disposição, também devemos estudar as ciências físicas. Ao fazer isso, vamos obter uma avaliação mais profunda do mundo que nosso Criador fez e, assim, aumentando nossa fé e compreensão sobre Ele.

O apóstolo Paulo entendeu

que o homem tem como aprender muito sobre seu Criador, observando sua criação: “Desde que Deus criou o mundo, as suas qualidades invisíveis, isto é, o seu poder eterno e a sua natureza divina, têm sido vistas claramente. Os seres humanos podem ver tudo isso nas coisas que Deus tem feito e, portanto, eles não têm desculpa nenhuma” (BLH). O jornal *The Wall Street* coloca desta forma: “Se um pouco de ciência leva-nos para longe de Deus, uma grande quantidade de ciência nos traz de volta para Ele” (10 de outubro de 1994).

As Leis Alimentícias Foram Abolidas no Novo Testamento?

Algumas pessoas crêem que certas passagens do Novo Testamento anulam toda a distinção entre as carnes limpas e as imundas. Mas, o que dizem realmente essas passagens?

Para saber mais sobre este assunto, peça ou baixe nosso livro gratuito: “O que a Bíblia ensina sobre Carnes Limpas e Imundas?”



<http://portugues.ucg.org>

A Bíblia e a Profecia

Em que outro livro bem conhecido podemos encontrar não apenas o futuro revelado, mas também o registro da realização dos eventos preditos que vieram a acontecer muitas centenas de anos mais tarde? Não pode haver prova mais dramática da inspiração e da verdade da Bíblia que o cumprimento da profecia.

O doutor Gleason Archer, estudioso renomado do Antigo Testamento, escreveu: “A Bíblia Sagrada é diferente de qualquer outro livro do mundo. É o único livro que se apresenta como a revelação escrita do único e verdadeiro Deus . . . demonstrando a sua autoridade divina com muitas provas incontestáveis. Outros documentos religiosos, como o Alcorão muçulmano, podem até reivindicar ser a própria palavra de Deus, mas não contêm provas de auto-autenticação como a Bíblia . . . [como] o fenômeno do cumprimento de profecias” (*Uma Introdução Geral ao Antigo Testamento* [A Survey of Old Testament Introduction], 1974, pág. 15).

Ao contrário de qualquer outro livro, a Bíblia oferece seu próprio teste para saber se ela é divinamente inspirada. E esse é o teste da *profecia*.

Observe o que o doutor Norman Geisler, autor ou co-autor de uns sessenta livros, declarou: “Uma das mais fortes evidências de que a Bíblia é inspirada por Deus . . . é a sua profecia preditiva. Diferente de qualquer outro livro, a Bíblia oferece uma infinidade de previsões específicas—com algumas centenas de anos de antecedência—que foram cumpridas ou que apontam para um tempo futuro definido quando se tornará realidade” (*Baker Enciclopédia do Cristão Apologético* [Baker Encyclopedia of Christian Apologetics], 1999, pág. 609).

Qual a dificuldade em se prever o futuro? Muitos médiuns seculares tentaram fazer justamente isso. “O Almanaque do Povo . . . fez um estudo das previsões de vinte e cinco médiuns renomados. Os resultados: Do total de setenta e duas previsões, sessenta e seis (noventa e dois por cento) foram totalmente erradas . . . Uma taxa de precisão de cerca de oito por cento pode ser facilmente explicado pelo acaso e conhecimento geral de circunstâncias” (ibidem, pág. 615).

Embora o cumprimento de muitas profecias da Bíblia ainda se encontre no futuro, muitas já foram cumpridas, como podemos ver demonstrado no registro histórico. Se pudermos confirmar a profecia cumprida—especialmente nos mínimos detalhes—esta prova seria difícil de ignorar.

Tal como acontece com as evidências históricas registradas por muitos autores bíblicos, Deus através da profecia nos dá ampla oportunidade para refutar a Bíblia, caso seja provada inverídica. Isaías, Daniel e outros registraram muitos pronunciamentos, alguns detalhadamente, e Deus nos convida para verificar Seu registro através deles.

Falando por meio de Isaías, Deus desafia os céticos a submetê-Lo à

prova: “Eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim; que anuncio o fim desde o princípio e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho será firme . . .” (Isaías 46:9-10).

O desafio de Deus para os céticos

Os antigos israelitas frequentemente recorriam a falsos profetas e oráculos vazios para obter uma visão especial sobre o futuro. Sua confiança nessas fontes se assomaram à vã idolatria.



O próprio Deus diz que a profecia é uma prova do verdadeiro Deus: “Tragam os seus ídolos para nos dizerem o que vai acontecer. Que eles nos contem como eram as coisas anteriores, para que as consideremos e saibamos o seu resultado final; ou que nos declarem as coisas vindouras, revelem-nos o futuro, para que saibamos que eles são deuses” (Isaías 41:22-23, NVI).

É a profecia bíblica só más notícias? Muitos supõem que sim! Mas o foco das profecias bíblicas é o evangelho—a boa nova—do vindouro Reino de Deus. Assim como muitas profecias bíblicas já cumpridas são indubitáveis, da mesma maneira é a certeza do retorno de Cristo para estabelecer esse Reino.

As mentes mais brilhantes estão perplexas com o que está acontecendo no mundo, e como resolver problemas que têm desafiado gerações. Deus, porém, conhece as soluções, e deixou registrado para nós exatamente como esses problemas intratáveis serão resolvidos. Ele

sabe como vai acabar a experiência humana.

Deus registrou profecias e o seu cumprimento na Bíblia como prova da inspiração e confiabilidade das Escrituras. Se Ele pode prever eventos com séculos de antecedência e depois garantir que eles aconteçam, temos provas irrefutáveis de sua existência e de que a Bíblia é de fato a Sua Palavra inspirada para nós. Se Deus pode fazer acontecer algumas de suas profecias, torna-se óbvio que Ele tem o poder para garantir que todas as profecias registradas na Bíblia se cumprirão.

Vamos considerar que é muito difícil se prever o futuro. Algum prognosticador humano previu o rápido colapso da União Soviética? Algum vidente teve uma premonição de que o Muro de Berlim cairia tão de

repente? Estes acontecimentos dramáticos pegaram o mundo de surpresa.

Por outro lado, durante a Guerra do Golfo Pérsico de 1991, alguns auto-proclamados profetas previram que esse acontecimento era o Armagedom em formação. O Armagedom profetizado *ocorrerá*, mas aquilo não era ele. Os aspectos específicos do verdadeiro Armagedom, como revelado na Bíblia, estavam faltando na Guerra do Golfo Pérsico. Aqueles que tinham uma sólida compreensão da profecia bíblica entendiam que essa crise não incluíam todos os fatores necessários para a crise final que encerrará essa era.

Uma crise gravíssima *ocorrerá*. Exatamente *como* ela vai se desenvolver não pode ser predita em detalhes pelo homem. A história está cheia de eventos que chacoalharam o mundo e que deixaram surpresos os mais experimentados estadistas. Milhões de pessoas ficarão confusas quando finalmente o palco do verdadeiro Armagedom estiver pronto.

Quanto um cristão realmente consegue saber sobre o futuro? Algumas pessoas fizeram previsões imprudentes no passado, especialmente durante crises e situações tensas. O livro de Daniel profetizou eventos que se cumpriram há muitos séculos, bem como alguns que ainda precisam ser cumpridos.

O potencial para mudanças dramáticas nos eventos mundiais aumenta à medida que a revolução tecnológica do mundo continua avançando. Os eventos surpreenderão a humanidade como nunca antes. Grande parte do mundo enfrenta o futuro com medo e apreensão—justamente por isso, e principalmente pelo aumento das guerras, do terrorismo, da iniquidade e da imoralidade. Ninguém sabe sobre todas as voltas e as reviravoltas que tomarão lugar nos próximos anos.

O quanto podemos saber?

Quanto um cristão realmente consegue saber sobre o futuro? Algumas pessoas fizeram previsões imprudentes no passado, especialmente durante crises e situações tensas. O livro de Daniel profetizou eventos que se cumpriram há muitos séculos, bem como alguns que ainda precisam ser cumpridos. Deus instruiu a Daniel: “Fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará” (Daniel 12:4). Este versículo indica que certas profecias importantes somente serão compreensíveis quando o fim se aproximar.

A Palavra de Deus nos diz que um grande número de profecias encontrará sua plena realização com o retorno de Jesus Cristo à terra, a ressurreição dos mortos e o estabelecimento de um reino de paz de mil anos

(veja 1 Tessalonicenses 4:16 - 17, Apocalipse 5:10). Os principais acontecimentos que antecederão aquele momento serão entendidos pelo povo de Deus pouco antes e durante a sua realização (Daniel 12:9-10; Amós 3:7).

A compreensão de alguns grandes eventos proféticos é crucial para nos guiar para a compreensão de onde estamos cronologicamente no plano de Deus. A Bíblia é o único guia confiável nesses assuntos. Ela previu muito da história que conhecemos. Da mesma forma, ela pode nos ajudar a entender o que ainda vai acontecer (não se esqueça de baixar ou solicitar os livros gratuitos *Estamos vivendo no tempo do fim? E você pode entender a Profecia Bíblica*).

O propósito deste capítulo é abordar algumas profecias que já foram cumpridas. Isso pode nos ajudar a ver mais claramente como a Bíblia



Xilogravura de Gustave Doré

é realmente a Palavra de Deus, uma fonte confiável que pode nos auxiliar a compreender as questões críticas para o nosso futuro. A profecia bíblica foi justamente chamada de “história escrita com antecedência”, como veremos.

Principais profecias

As profecias de Daniel fornecem chaves importantes para estabelecer a precisão da profecia bíblica. Muitas de suas profecias são tão detalhadas e específicas que, se devidamente analisadas, mesmo para as mentes mais tendenciosas será uma perda tentar refutá-las.

O profeta Daniel gravou várias profecias surpreendentemente precisas. Elas são tão detalhadas e precisas que alguns críticos têm sido forçados a argumentar que não foram escritas antes, mas depois, dos eventos ocorrerem.

Na verdade, alguns cétricos não contestaram o *conteúdo* de exatidão profética de Daniel. Em vez disso, ao invés de admitir que suas palavras são de fato inspiradas, eles simplesmente rotularam seu livro como fraude. Eles alegam que não foi escrito por Daniel no século VI a.C., por causa dos eventos escritos no livro, mas por um autor desconhecido por volta dos

anos 100 a.C., muito depois de vários eventos profetizados no livro terem acontecido. Essa, alegam os críticos, é a razão da exatidão surpreendente desse livro profético.

Talvez o incidente mais conhecido no livro de Daniel seja o que mostra

o próprio Daniel na cova dos leões (capítulo 6). O depoimento de Daniel desafia os críticos. Mas primeiro vamos considerar a natureza da abordagem dos críticos. Eles contestam a autoria de Daniel, porque ele se refere a si mesmo nos primeiros capítulos na terceira pessoa, como se escrevesse sobre alguém. No entanto, *O Comentário Bíblico Expositivo* mostra que este “era costume entre os autores antigos de memórias históricas” (Gleason Archer Jr., 1985, vol. 7, pág. 4). Ao relatar algumas de suas experiências Daniel escreveu na primeira pessoa (Daniel 7:15; 8:15; 9:2; 10:2).

Também é significativa a identidade dos críticos de Daniel. A primeira pessoa a questionar a autenticidade da autoria de Daniel foi o erudito e historiador grego Porfírio, que viveu em 233-304 d.C. Ele foi classificado pelos historiadores como um neoplatônico, significando que ele aceitava os ensinamentos do filósofo grego Platão em vez da Bíblia. “Porfírio é bem conhecido como um inimigo veemente do Cristianismo e defensor do paganismo” (*Enciclopédia Britânica* [*Encyclopaedia Britannica*], 11ª edição, vol. 22, pág. 104, “Porfírio”).

Desde que Porfírio era um inimigo do Cristianismo, a sua objetividade é questionável. Ele não tinha base factual para sua opinião, e seu ponto de vista contradiz o testemunho de Jesus Cristo, que se referiu a Daniel como o autor do livro (Mateus 24:15).

As profecias de Daniel fornecem chaves importantes para estabelecer a precisão da profecia bíblica. Muitas de suas profecias são tão detalhadas e específicas que, se devidamente analisadas, mesmo para as mentes mais tendenciosas será uma perda tentar refutá-las.

O primeiro estudioso bíblico, Jerônimo, (340-420 d.C.) refutou a alegação de Porfírio. Depois disso, ninguém mais levou a sério os comentários de Porfírio novamente até depois de muitos séculos. “Ele era mais ou menos visto pela erudição cristã como um mero detrator pagão que tinha permitido que uma influência naturalista deturpasse seu julgamento. Mas durante o tempo do Iluminismo no século XVIII, todos os elementos sobrenaturais na Bíblia ficaram sob suspeita” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 13).

Alguns estudiosos de hoje, com tendências liberais reciclaram esses argumentos de séculos passados. O historiador do antigo Testamento Eugene Merrill diz que as crenças desses estudiosos liberais são baseadas em provas frágeis: “a retórica e a linguagem [de Daniel] são eminentemente do século VI [a.C.] . . . somente nas linhas mais subjetivas e circulares das evidências é que tem sido negada a historicidade do homem e seus escritos” (*Reino de Sacerdotes* [*Kingdom of Priests*], 1996, pág. 484).

Uma profecia fenomenal e seu cumprimento

A precisão da profecia de Daniel de eventos remotamente distantes é espetacular. Por exemplo, na profecia das “setenta semanas” registrada em Daniel 9:24-27, “Daniel prediz o ano exato do aparecimento de Cristo e o início do seu ministério no ano 27 d.C.” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 9).

Uma segunda notável profecia registrada por Daniel é a sua interpretação do sonho de Nabucodonosor no capítulo 2. No segundo ano do seu reinado, o rei da Babilônia teve um sonho perturbador que nenhum dos seus conselheiros puderam explicar. A cultura babilônica enfatiza consideravelmente os sonhos, e Nabucodonosor, estava convencido de que este era de grande importância (Daniel 2:1-3).

O sonho de Nabucodonosor aconteceu e foi interpretado por Daniel cerca do ano 600 a.C. A imagem representava, de forma simbólica, a sequência de grandes impérios que dominariam o Oriente Médio por séculos.

Seu sonho nos proporciona uma “visão do plano de Deus para as eras até o triunfo final de Cristo” e “apresenta a sucessão preordenada das potências mundiais que continuarão dominando o Oriente Médio até a vitória final do Messias, nos últimos dias” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, págs. 39, 46).

Sem conhecimento prévio de seu conteúdo, Daniel explicou detalhes do sonho a Nabucodonosor: “Tu, ó rei, estavas vendo, e eis aqui uma grande estátua; essa estátua, que era grande, e cujo esplendor era excelente, estava em pé diante de ti; e a sua vista era terrível. A cabeça daquela estátua era de ouro fino; o seu peito e os seus braços, de prata; o seu ventre e as suas coxas, de cobre; as pernas, de ferro; os seus pés, em parte de ferro e em parte de barro” (Daniel 2:31-33).

Daniel disse a Nabucodonosor que seu Império Babilônico era representado pela cabeça de ouro (versículos 37-38). As partes de prata, bronze e ferro da imagem, ou estátua, representavam três impérios poderosos que se seguiriam a poderosa Babilônia (versículos 39-40).

Esta interpretação entregou uma previsão surpreendente da história. O sonho de Nabucodonosor aconteceu e foi interpretado por Daniel cerca do ano 600 a.C. A imagem representava, de forma simbólica, a sequência de grandes impérios que dominariam o Oriente Médio por séculos.

“O império de prata seria o Medo-Persa, que começou com Ciro, o Grande, ao conquistar a Babilônia em 539 a.C. . . . Este império de prata foi supremo no Oriente Próximo e Médio por cerca de dois séculos” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 47).

“O império de bronze foi o Império Greco-Macedônio estabelecido por Alexandre, o Grande . . . O reino de bronze durou cerca de duzentos e sessenta ou trezentos anos até ser suplantado pelo quarto reino” (ibidem).

“O ferro tem conotação de dureza e crueldade e descreve o Império Romano, que atingiu sua maior expansão sob o reinado de Trajano” (ibidem). Trajano reinou em 98-117 d.C., e o próprio Império Romano governou por muitos séculos.

O quarto império foi descrito como tendo dez dedos. Os dedos dos pés eram compostos em parte de ferro e em parte de barro, como o versículo 41 explica. “O versículo 41 trata de uma fase posterior, ou consequente desse quarto império, simbolizado pelos pés e os dez dedos—composto de ferro e de barro, uma base frágil para o monumento tão imenso. O texto indica claramente que esta fase final será marcada por alguma tipo de federação ao invés de um único reino poderoso” (ibidem).

Outro sonho acrescenta detalhes importantes

Aspectos adicionais dessa sucessão de impérios foram revelados a Daniel em um sonho mais tarde. Desta vez, os quatro impérios foram representados por quatro animais—um leão (Império Babilônico), um urso (Império Persa) um leopardo (Império Greco-macedônio) e um quarto animal descrito como “terrível” e diferente dos outros três (Daniel 7:1-7).

A maior parte destes eventos proféticos, como detalhado pelos dois sonhos, já foi cumprida. Sua conclusão detalhada confirma a inspiração divina da Bíblia.

Observe que o versículo 7 diz sobre esta quarta criatura: “Depois disso, eu continuava olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro; ele devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez chifres”. O que significa essa descrição? É uma referência ao grande poder de Roma, que esmagou todos os que se opuseram a ela. Assim, o poder superior do colosso de Roma . . . é enfatizado no simbolismo desta quarta terrível besta” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 87).

O cumprimento final desta parte da profecia ainda está em nosso futuro. Como *O Comentário Bíblico Expositivo* explica, esta besta acabará por manifestar-se no “fim dos tempos como um Império Romano restaurado” (ibidem, pág. 25).

Isto coincide com Daniel 2:44, obviamente indicando que a segunda vinda de Cristo ocorrerá em um tempo durante o qual vestígios do quarto animal, ou reino, ainda existam: “Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu

levantará um reino que não será jamais destruído . . . esmiuçará e consumirá todos esses reinos e será estabelecido para sempre”.

A maior parte destes eventos proféticos, como detalhado pelos dois sonhos, já foi cumprida. Sua conclusão detalhada confirma a inspiração divina da Bíblia. As chances de qualquer pessoa prever isso por conta própria desafia a credibilidade. Como Daniel disse: “Mas há um Deus nos céus, o qual revela os segredos; ele, pois, fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser no fim dos dias” (Daniel 2:28).



O império de Alexandre, o Grande, foi profetizado por Daniel bem antes de Alexandre assumir o poder e conquistar a maioria do mundo que conheciam nessa época.

Quanto a isso, a atual União Europeia chama especialmente nossa atenção. Quando ela começou com o Tratado de Roma em 1957, poucos imaginavam o grande poder econômico e político que iria exercer hoje. Ainda menos pessoas percebem que o impulso para uma integração política europeia é direcionado—para o profetizado Império Romano revivido dos últimos dias.

A profecia mais detalhada da Bíblia

Daniel 11 registra outra profecia fenomenal. A definição cronológica é dada em Daniel 10:1 como o “terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia” (536-535 a.C.). Um “homem”, sem dúvida, um anjo (Daniel 9:21), chegou a dizer Daniel o que aconteceria no “derradeiros dias” (Daniel 10:14).

A profecia que se segue é a mais detalhada de toda a Bíblia. Dada há mais de quinhentos anos antes do nascimento de Cristo, essa profecia abrange os eventos a partir desse momento até o futuro retorno de Cristo. Os estágios iniciais da profecia confirmam a

Bíblia, porque eles já foram cumpridos, como pode ser verificado por um estudo dos impérios persa e grego. Ninguém poderia prever detalhes históricos tão precisos.

Alguns elementos do que se segue são intrincados, exigindo muita atenção. Mas uma comparação das palavras proféticas com o registro histórico torna-os claros.

Os primeiros trinta e cinco versículos de Daniel 11 dão conta, escrita com anos de antecedência, da intriga entre duas entidades políticas—o “rei do sul” e o “rei do norte”. Na história secular, o rei do sul é geralmente uma referência a Ptolomeu. A dinastia de Ptolomeu governou de Alexandria, no Egito. O rei do norte governou a partir de Antioquia, na Síria sob o comando de Seleuco, ou Antíoco.

Com isto em mente, vamos examinar alguns detalhes dessa profecia. Você pode encontrar mais informações sobre o cumprimento histórico de grande parte dessa profecia em obras didáticas como *O Comentário Bíblico Expositivo*, que citamos abaixo, ou outras obras de referência confiável.

Ao invés de ler todas nossas citações das passagens bíblicas, recomendamos que você leia em sua Bíblia os versículos citados abaixo, e lembre-se que esses detalhes foram preditos muito antes de sua ocorrência.

Daniel 11:2: O “três reis” são: *Cambises*, o filho mais velho de Ciro; *pseudo-Smerdis*, um impostor que se fazia passar por filho mais novo de Ciro, que tinha sido morto secretamente, e Dario, o persa. “O rei persa que invadiu a Grécia foi . . . Xerxes, que reinou em 485-464 a.C.” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 128).

Versículos 3-4: “O versículo 3 nos introduz . . . à ascensão de Alexandre, o Grande” (ibidem). A linguagem no versículo 4 “sugere claramente que este poderoso conquistador teria um reinado relativamente breve . . . Em sete ou oito anos, ele realizou a conquista militar mais esplêndida da história da humanidade. Mas ele só viveu mais quatro anos, e . . . morreu de febre em 323 a.C.” (ibidem).

O reino de Alexandre foi dividido “em quatro impérios menores e mais fracos” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 129). O filho infante de Alexandre tinha sido assassinado em 310 a.C. e um irmão ilegítimo em 317 a.C. “Assim, não havia descendentes ou parentes de sangue para suceder Alexandre” (ibidem). Assim, seu reino não foi dividido entre a sua posteridade (versículo 4).

Os generais de Alexandre batalharam entre si pelo controle de seu império. Os conflitos pelo domínio eliminou a todos, menos quatro deles, que se tornaram chefes das quatro divisões do império. Esta divisão também foi prevista na quarta cabeça, o leopardo, de Daniel 7 e a quebra do grande chifre de um bode em quatro chifres separados em Daniel 8. Os quatro sucessores foram Cassandro, reinando na Grécia e no Ocidente, Lisímaco na Trácia e Ásia Menor, Ptolomeu no Egito, e Seleuco, na Síria. Destes quatro, dois—Ptolomeu e Seleuco—expandiram o seu domínio e território. Estes foram reis do Egito e da Síria, respectivamente.

As maquinções que se seguem dizem respeito a estes dois. Eles são referidos como o rei do sul (Ptolomeu) e o rei do norte (Seleuco) por causa de sua localização em relação a Jerusalém.

Versículo 5: “O rei do sul seria Ptolomeu I” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 130). A expressão bíblica “um de seus príncipes” refere-se a Seleuco. Originariamente, ele tinha servido sob o comando de Ptolomeu. Na intriga, após a morte de Alexandre, Seleuco finalmente tomou o controle da Síria e tornou-se rei do norte. No final das contas, Seleuco exerceu mais poder do que Ptolomeu, pois controlava a maior parte do que tinha sido o império de Alexandre. A dinastia da

linhagem selêucida continuaria até 64 a.C.

Um conflito após o outro

Versículo 6: Houve um estado de tensão e hostilidade entre o rei do Sul e o rei do Norte. Ptolomeu I morreu em 283 a.C. Em 252 a.C. as duas potências tentaram um tratado no qual *Berenice*, filha de Ptolomeu II, se casaria com *Antíoco II*, o rei do Norte. Então, *Laodice*, a primeira esposa de Antíoco II, foi repudiada. Em 246 a.C. Antíoco II foi envenenado—acredi-



Curadores do Museu Britânico

Antíoco Epifânio, mostrado acima numa moeda de prata cunhada durante seu reinado, perseguiu os judeus proibindo muitas de suas práticas religiosas e profanou o templo de Jerusalém sacrificando suínos no altar.

ta-se ter sido obra da manipulação de Laodice. Ela alegou que Antíoco em seu leito de morte nomeou seu filho herdeiro. Assim, Berenice pediu a ajuda do Egito para assegurar o trono para seu jovem filho, mas Laodice mandou assassiná-los.

A profecia que diz que “ela [Berenice] será entregue” refere-se ao golpe que Laodice maquinaria para conseguir a execução de Berenice. “E os que a tiverem trazido, e seu pai, e o que a fortalecia naqueles tempos” se refere à morte de outros em torno de Berenice. Berenice, Ptolomeu II, seu pai, e seu marido Antíoco II foram todos removidos do poder e executados em 246 a.C. Alguns nobres que tinham apoiado Berenice como rainha também caíram.

Versículos 7-9: Seguidas retaliações. Aconteceu uma série de operações militares, o que vieram a ser conhecidas como a Guerra de Laodicéia. *Ptolomeu III*, filho de Ptolomeu II, tentou vingar a morte de sua irmã. Ele atacou o rei do norte, *Seleuco II*, filho de Laodice, e conquistou Selêucia, o porto e a fortaleza da capital síria, Antioquia. O versículo 8 descreve a retomada de Ptolomeu da “multidão das suas imagens, com os seus utensílios preciosos de prata e ouro” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 131) que haviam sido roubados do Egito por Cambises em 526 a.C.

A paz foi celebrada entre Ptolomeu III e Seleuco II em 241 a.C. Ptolomeu III morreu em 221 a.C., e Seleuco II sobreviveu por quase seis anos.

Versículos 10-12: Os filhos de Seleuco II atacaram o rei do sul depois que seu pai morreu. Um desses filhos, Seleuco III, reinou por apenas três anos. Sua atividade militar foi relativamente pequena. Ele morreu por envenenamento. Outro filho, *Antíoco III* (o Grande), “inundaria e passaria”. Ele

avançou sobre a Terra Santa, que era controlada pelo Egito.

Ptolomeu IV, o rei do sul, retaliou (versículo 11) e derrotou o grande exército de Seleuco III na Batalha de Raphia em 217 a.C. Depois da vitória, Ptolomeu voltou-se para uma vida de corrupção durante a qual trucidou dezenas de milhares de judeus no Egito (versículo 12). Por tudo isso, ele acabou enfraquecendo seu reino.

Versículos 13-16: A frase “ao cabo de anos” refere-se a um incidente quando, quinze anos depois de sua derrota, Antíoco III veio contra *Ptolomeu V*, ainda um jovem rapaz. (Ptolomeu IV morreu em 204 a.C.). As províncias do Egito estavam em crise por causa da vida lamentável de Ptolomeu IV. Muitas pessoas—inclusive judeus simpatizantes ao rei do norte—se uniram com Antíoco contra o rei do sul. A rebelião acabou sendo esmagada pelo general egípcio *Scopas* (versículo 14).

Quando as forças de Antíoco recuaram no inverno de 201-200 a.C., Scopas recuperou uma parte do território perdido. O rei do norte respondeu com outra invasão. Ele teve uma vitória decisiva no norte de Israel, na batalha de Panium, e conquistaram a cidade de Sidom (“uma cidade fortificada”), onde Scopas se rendeu. Antíoco tomou completamente o controle da Terra Santa, a “terra gloriosa” (versículo 16).

Versículo 17: A Edição Revista e Atualizada da Bíblia diz: “[o rei do norte] resolverá vir com a força de todo o seu reino, e entrará em acordo com ele, e lhe dará uma jovem em casamento, para destruir o seu reino; isto, porém, não vingará, nem será para a sua vantagem”.

E, tendo derrotado Scopas, Antíoco desejou assumir o controle do próprio Egito. Ele deu a sua filha *Cleópatra* (não a famosa rainha de mesmo nome que veio depois) a Ptolomeu V em casamento. Ele acreditava que ela trairia os interesses do marido a seu favor, seu pai. Mas Cleópatra frustrou os planos de Antíoco ao ficar do lado de seu marido.

Versículos 18-19: Em seguida, Antíoco atacou as ilhas e cidades costeiras do sul da Ásia Menor e do mar egeu—as primeiras áreas que o Egito controlou e, em seguida, mais a oeste, em resposta aos gregos que recorreram à sua ajuda para enfrentar o avanço do controle romano na área. Ele também deu asilo ao inimigo de Roma, Aníbal de Cartago, e lhe ajudou a desembarcar na Grécia. Roma respondeu atacando Antíoco e infligindo derrota às suas forças. Os romanos privaram-no de grande parte de seu território e levou vários reféns para Roma, inclusive o filho de Antíoco. Então, Roma exigiu dele tributos pesados (versículo 18).

Antíoco retornou em desgraça à sua fortaleza, Antioquia. E sendo incapaz de pagar as taxas pesadas exigidas pelos romanos, ele tentou saquear um templo pagão na parte oriental do seu reino. Sua atitude enfureceu muitíssimo os habitantes locais que acabaram matando-o, e assim ele teve um fim inglório (versículo 19).

Versículo 20: De acordo com II Macabeus 3:7-40, outro filho de Antíoco, *Seleuco IV*, também foi financeiramente fustigado pelos tributos de Roma

(II Macabeus é um livro apócrifo que registra esses eventos). Seleuco enviou um dos seus oficiais, *Heliodoro*, para recolher impostos, mesmo que tivesse que saquear o templo de Jerusalém. Heliodoro foi para a cidade santa, mas nada conseguiu. Mais tarde, Seleuco foi envenenado por Heliodoro e sendo assim morto—“e isto sem ira nem batalha”.

Antíoco Epifânio

Daniel 11:21-35: Estes versículos falam do infame *Antíoco IV* (Epifânio), o irmão de Seleuco IV, que já havia sido refém de Roma. Ele era um

“opressor tirânico que fez de tudo para destruir totalmente a religião judaica” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 136).

Antíoco aprovou leis que proibiam a prática da religião judaica, sob pena de morte. Ele era um homem de incrível crueldade. Em suas ordens “um escriba idoso, Eleazar, foi açoitado até a morte porque se recusou a comer carne de porco. Uma mãe e seus sete filhos foram sequencialmente assassinados, na presença do governador, por se recusar a prestar homenagem a uma imagem. Duas mães que tinham circuncidado seus filhos recém-nascidos foram arrastadas pela cidade e arremessadas de ponta-cabeça pelo muro” (Charles Pfeiffer, *Entre os Testamentos [Between the Testaments]*, 1974, págs. 81-82).



O sacerdote judeu Matatias desencadeou uma rebelião contra Antíoco Epifânio, quando ele resistiu violentamente a idolatria forçada pelo rei.

Versículo 31: Isto se refere aos eventos significativos de 16 de dezembro de 168 a.C., quando o insano Antíoco entrou em Jerusalém e matou oitenta mil homens, mulheres e crianças (2 Macabeus 5:11-14). Então, ele profanou o templo, oferecendo um sacrifício ao principal deus grego, Zeus. Este ultraje foi precursor de um evento semelhante que Jesus Cristo disse que ocorreria nos últimos dias (Mateus 24:15).

Versículos 32-35: Estes versículos parecem descrever, de modo franco, a determinação e a coragem indomável dos *Macabeus*, uma família de sacerdotes que enfrentou Antíoco e seus sucessores. A revolta dos Macabeus contra o rei da Síria foi desencadeada quando “Matatias, o sumo sacerdote da cidade de Modin . . . , depois de matar o oficial de

Antíoco que veio fazer cumprir o novo decreto de adoração idólatra . . . , liderou um bando de guerrilheiros e fugiu para as montanhas . . . ” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 141).

Matatias, em sua causa, teve a ajuda de cinco filhos, o mais notável foi Judá ou Judas, apelidado *Maqqaba* (aramaico para “martelo”, de onde deriva o nome Macabeus). Muitos desses patriotas morreram nesta causa, mas o seu heroísmo, por fim, expulsou as forças sírias do país.

Por outro lado, estes versículos, evidentemente, referem-se à Igreja do Novo Testamento, com suas alusões a milagres, perseguição e contínua apostasia “até ao fim do tempo” (versículo 35).

De fato, com a referência explícita ao tempo do fim, a profecia de Daniel definitivamente assume um tom diferente neste momento. Citando *O Comentário Bíblico Expositivo*: “Com a conclusão da perícopes [do extrato] anterior no versículo 35, o material preditivo que, incontestavelmente, aplica-se aos impérios helenísticos e a disputa entre os selêucidas e os patriotas judeus se encerra.”

Só Deus pode predizer o futuro e depois fazê-lo passar. A profecia bíblica é um prova irrefutável de Sua existência e da origem divina da Bíblia para aqueles dispostos a olhar para a Bíblia, para a aceitarem e para acreditarem nEle.

Versículos 36-39: Continuando a citar *O Comentário Bíblico Expositivo*: “Esta presente seção (versículos 36-39) contém algumas características que dificilmente se aplicam a Antíoco IV, embora a maioria dos detalhes possam ser aplicados a ele, bem como ao seu antítipo dos últimos dias, ‘a besta’”.

Estudiosos liberais e conservadores “concordam que todo o capítulo 11 até esse ponto contém previsões surpreendentemente exatas do curso completo de eventos desde o reinado de Ciro . . . ao esforço malsucedido de Antíoco Epifânio para acabar com a fé judaica” (ibidem).

Interpretação da evidência profética

Esses estudiosos [liberais e conservadores] divergem, no entanto, sobre o que isso significa. Falando dos dois pontos de vista, Archer diz que para os estudiosos conservadores “este padrão de previsão e realização [serve como] evidências convincentes da inspiração e autoridade divina das Escrituras Hebraicas, pois só Deus poderia saber de antemão o futuro e fazer

com que seu plano anunciado fosse precisamente cumprido. Para os racionalistas [liberais], no entanto, que começam com a premissa de que não há um Deus pessoal . . . não há possibilidade de um cumprimento genuíno de profecia . . .

“Todas as instâncias bíblicas da profecia cumprida devem ser contabilizadas como fraudes piedosas na qual somente após a realização dos eventos é que o registro fictício de sua previsão foi elaborado . . . Isto é o que os racionalistas têm a dizer sobre todas as partes da profecia em qualquer lugar da Bíblia. Para eles, não pode haver tal coisa como a revelação divina de eventos futuros. Caso contrário, terão de abandonar a sua posição elementar e reconhecer a possibilidade do sobrenatural, como demonstrado pelo cumprimento detalhado dos eventos narrados, como aqui em Daniel, por um profeta de Deus com mais de trezentos e sessenta anos de antecedência” (*O Comentário Bíblico Expositivo*, pág. 143-144) .

O que isto quer dizer é que aqueles que contestam a possibilidade da existência de profecias bíblicas fazem isso porque querem negar o sobrenatural, querem negar *até mesmo a existência* de um Deus que é capaz de predizer os acontecimentos em seus mínimos detalhes.

Alguns ateus admitem que buscam suas próprias conclusões, porque eles simplesmente não querem que Deus diga-lhes como viver.

Por exemplo, Aldous Huxley escreveu em *Fins e Meios* [*Ends and Means*] sobre seu preconceito: “Eu tinha motivo para querer que o mundo não tivesse significado, consequentemente assumi que ele não tinha nenhum, e fui capaz, sem nenhuma dificuldade de encontrar razões para essa suposição satisfatória . . . O filósofo que não encontra significado no mundo não está preocupado exclusivamente com um problema de pura metafísica, mas também preocupa-se em provar que não há razão válida para que ele, particularmente, não deva fazer o que desejar, ou para que seus amigos não devam aproveitar o poder político e governar da maneira que achem mais vantajosa para eles”.

Ele continuou: “Para mim . . . a filosofia da falta de sentido era essencialmente um instrumento de libertação... Nós nos opusemos à moralidade porque ela interferia com a nossa liberdade sexual” (1938, págs. 270, 272-273).

É necessário ser mais claro que isso? As pessoas negam a autoridade da Bíblia porque não querem que Deus lhes diga o que fazer. Mas para aqueles que estão dispostos a ver, a verdade é clara. Somente Deus pode predizer o futuro e depois fazê-lo acontecer. A Profecia é uma prova irrefutável da existência de Deus e da origem divina da Bíblia para aqueles dispostos a estudá-la, a aceitá-la e a crer nEle.

E, em Isaías 45:21-22 (NVI), Ele nos desafia a fazer exatamente isso: “Quem há muito predisse isto, quem o declarou desde o passado distante? Não fui eu, o Senhor? E não há outro Deus além de mim, um Deus justo e salvador; não há outro além de mim. Voltem-se para mim e sejam salvos, todos vocês, confins da terra; pois eu sou Deus, e não há nenhum outro”.

As Condições Atuais do Mundo Foram Preditas na Bíblia Há Muitos Séculos

A profecia bíblica predisse uma série de circunstâncias que se realizariam ou somente seria possível nos tempos atuais. E algumas são:

Transporte de massa e a explosão do conhecimento.

Daniel 12:4 diz que ao “fim do tempo . . . muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará”. Isto, obviamente, não se refere ao ritmo da viagem e da aprendizagem nos dias de Daniel. Entretanto, denota um ponto de viragem do que o mundo daquela época estava acostumado. E isso não se tornou realidade até surgir a ciência e a industrialização moderna que deu à luz ao transporte de massa rápido e à explosão do conhecimento de nossa era da informação atual.

Comunicação de massa instantânea.

Apocalipse 11:8-9 diz sobre as duas testemunhas de Deus no fim dos tempos: “E jazerá o seu corpo morto na praça da grande cidade [Jerusalém] . . . E homens de vários povos, e tribos, e línguas, e nações verão seu corpo morto por três dias

e meio”. Para todos os povos da terra testemunharem isso é necessário o uso de tecnologias modernas como a televisão por satélite, a internet ou algum outro meio eletrônico de comunicação, todas inimagináveis no primeiro século, quando esta profecia foi escrita.



iStockphoto

A explosão demográfica.

Apocalipse 9:16 menciona um enorme exército de duzentos milhões. Este é um número impressionante, mesmo hoje, embora possível, dada a população mundial. No entanto, quando esta profecia foi escrita no primeiro século, toda a população mundial era cerca de trezentos milhões. Por um tempo muito longo a população mundial não cresceu significativamente . . . Levou mais de mil e seiscentos anos para que a população mundial dobrasse

para seiscentos milhões” (Organização das Nações Unidas, *O Mundo com Seis Bilhões [The World at Six Billion]*, 1998). Assim a ideia de um exército de duzentos milhões de homens era inconcebível—exceto para a profecia bíblica, que isso previu.

A destruição em massa e a possibilidade da extinção humana.

O exército mencionado acima é influenciado pelos poderes demoníacos “a fim de matarem a terça parte dos homens” (Apocalipse 9:15). Jesus Cristo disse que nos últimos dias “haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais. Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas, por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados” (Mateus 24:21-22, ARA).

A capacidade de extinguir inúmeras vezes a humanidade—toda a humanidade de uma vez só—não existia até a prolifera-



Corbis

ção de armas nucleares no final do século XX.

Um Estado judeu na Terra Santa controlando Jerusalém.



iStockphoto

No final do primeiro e início do segundo século, os romanos expulsaram os judeus de sua terra natal. No entanto, o livro de Daniel tinha predito para o tempo do fim a profanação do santuário judaico e a interrupção dos sacrifícios em Jerusalém—o que significa que primeiro tem que existir um santuário e sacrifícios nesse lugar (Daniel 12:10-11; comparar com 8:13; 9:27; 11:31).

Houve um cumprimento protótipo desses eventos no segundo século a.C., mas Jesus deixou claro que a profecia de Daniel sobre a profanação do lugar santo apontava principalmente para um evento futuro que precederia o fim—o tempo da Grande Tribulação (Mateus 24:15-22)—dizendo: “Então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes” (versículo 16).

Por quase dois mil anos, um Estado judeu controlando Jeru-

salém parecia impossível, com os judeus dispersos e a Terra Santa em mãos muçulmanas. No entanto, os judeus, incrivelmente, nunca foram assimilados aos povos entre os quais estavam dispersos. E, finalmente, diante de dificuldades aparentemente insuperáveis, eles foram capazes de retornar à sua terra natal e depois formar e manter um Estado judeu—um impressionante cumprimento da profecia.

(Para mais informações, consulte os nossos livros gratuitos *Estamos Vivendo no Tempo do Fim?* e *O Oriente Médio na Profecia Bíblica*.)

A ascensão da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos como potências mundiais.



Corbis

Para os patriarcas Abraão, Isaaque e Jacó Deus prometeu grandes bênçãos nacionais. Gênesis 35:11 diz que o direito da bênção de primogenitura nacional seria cumprido através de “uma nação e multidão de nações”. Gênesis 48-49 mostra que este direito de primogenitura passou para o filho de

Jacó, José e seus filhos Efraim e Manassés—com Efraim destinado a se tornar um conglomerado de nações e Manassés, destinado a se tornar uma única grande nação. Além disso, essas bênçãos seriam cumpridas “nos últimos dias”—próximo ao fim dessa era do homem.

A magnitude das bênçãos descritas nessas passagens e em outras nunca foram realizadas por Israel na terra santa. Em vez disso, as tribos do norte de Israel, incluindo Efraim e Manassés—foram eventualmente deportadas pelos invasores assírios. E esses indícios na história secular e várias profecias revelam que as chamadas tribos perdidas migraram para o noroeste da Europa. O Império Britânico, com sua comunidade de nações é, evidentemente, representante da Efraim moderna, enquanto Manassés é hoje os Estados Unidos da América—estas nações prósperas e de importância geopolítica correspondem às promessas da Bíblia, as quais cresceriam a ponto de serem nações dominantes no mundo. A Grã-Bretanha dominou o mundo no século XIX, assim como os Estados Unidos no século XX.

(Para saber mais sobre isso, não se esqueça de ler o nosso livro grátis *Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha na Profecia Bíblica*).

A Bíblia e Você...

Uma pesquisa realizada em 2004 pela revista *Newsweek* informou que apenas metade dos norte-americanos acreditam que Jesus Cristo voltará. Quinze por cento disse acreditar que o evento iria ocorrer em breve, no tempo de sua vida. (Na maioria dos outros países esses percentuais são menores).

Se Cristo voltasse hoje, o que significaria para o cidadão médio do mundo? Se o Juiz de toda a humanidade chamasse todos a prestar contas (2 Coríntios 5:10), como *você* se sairia? Em toda a história registrada apenas uma sociedade se arrependeu em peso quando Deus a advertiu de problemas iminentes. E essa foi a antiga cidade de Nínive, capital do Império Assírio, que se arrependeu com a advertência de Jonas (Mateus 12:41).

Se as nações não se emendam, o que pode ser feito individualmente? Em outras palavras, o que você deve fazer com a informação que aprendeu neste livro? Se a Bíblia é realmente a instrução inspirada do Criador do universo para Suas criaturas, o que você deveria fazer?

Se Cristo voltasse hoje, o que significaria para o cidadão médio do mundo? Se a Bíblia é realmente a instrução inspirada do Criador do universo para Suas criaturas, o que você deveria fazer?

A mensagem é clara: Não importa o que os outros façam, você tem o poder e a responsabilidade de agir pessoalmente e buscar a Deus. A Bíblia é um guia confiável para a conduta humana. É a Palavra de Deus para uma humanidade espiritualmente fracassada. É o livro de instruções do nosso Criador, que nos diz como devemos viver.

As Escrituras estão disponíveis há milênios. As pessoas têm ouvido a Palavra de Deus por suas páginas e pelos profetas. Eles ouviram a exortação de Deus para se arrepender e obedecer. Mas, não importa quem trouxe a mensagem, não importa o meio, o resultado tem sido sempre o mesmo—somente uma pequena minoria tem respondido.

Quando Cristo pregou o evangelho poderosamente para seu próprio povo, eles o rejeitaram. Ele assinalou-lhes um fato vergonhoso: Apesar de terem a Palavra de Deus, eles se recusaram a acreditar e agir por ela, assim Deus se voltou para os outros. Jesus disse: “Em verdade vos digo que muitas viúvas existiam em Israel nos dias de Elias, quando o céu se fechou por três anos e seis meses, de sorte que em toda a terra houve grande fome; e a nenhuma delas foi enviado Elias, senão a Sarepta de Sidom, a uma mulher viúva. E muitos leprosos havia em Israel no tempo do profeta Eliseu, e nenhum deles

foi purificado, senão Naamã, o siro” (Lucas 4:25-27).

Jesus notou um triste e evidente fato ao longo da história: Embora muitos tenham tido oportunidade de aprender a verdade de Deus, apenas uma relativa minoria respondeu, aceitou e entendeu que deveriam mudar sua vida (Mateus 22:14).

Fé e escolha

Qual a diferença dos que respondem para os que não respondem? Geralmente, várias. Uma delas é a convicção de que a Bíblia é realmente a Palavra de Deus. Outra é o exercício do livre arbítrio. Deus nos deu o direito de livre escolha e não nos força a fazer as coisas à Sua maneira. Algumas pessoas usam seu livre arbítrio para responder positivamente quando Deus chama, outras rejeitam este chamado. A escolha é sempre nossa.

Mas há outro fator que influi fortemente na maneira como reagimos à Palavra de Deus. Neste livro temos nos deparado com a questão da veracidade da Bíblia e, ademais, se ela é um guia confiável para o comportamento humano. Temos apresentado evidências sólidas confirmando isso. Embora substancial, a evidência de que a Bíblia é verdadeira, não é suficiente para satisfazer todos os agnósticos e ateus. Se fosse, ninguém na terra seria um ateu ou agnóstico. Toda pessoa racional faria uso de seu livre arbítrio para ao menos crer, caso não obedeça. No entanto, as Escrituras nos lembram que até os demônios *sabem* que Deus existe, mas simplesmente optam por desobedecê-Lo (Tiago 2:19).

É propósito de Deus nos dar uma escolha se vamos usar uma porção de fé. Tal como o estadista e orador norte-americano Daniel Webster observou, a Bíblia é um livro de fé. Se tivéssemos provas suficientes para refutar todas as dúvidas dos céticos, não teríamos necessidade de fé. Esta não é a maneira que Deus decidiu trabalhar. Todos, desde Adão até hoje têm sido chamados para viver pela fé.

E o que é fé? “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que [ainda] se não vêem” (Hebreus 11:1, ARA). Concernente à fé, o apóstolo Paulo nos diz que Abraão “louvou a Deus porque tinha toda a certeza de que Deus podia fazer o que havia prometido” (Romanos 4:20-21, BLH). Deus quer que tenhamos essa mesma confiança nEle.

A Bíblia e a geração atual

Enquanto alguns insistem em estritas evidências científicas antes de acreditar, outros caem em outra vala filosófica. Eles não estão interessados em um Deus que pode ser encontrado na revelação bíblica; antes desejam um deus que possa ser encontrado em sua própria visão do mundo. Alguns denominam isso uma busca por um deus estilista ou uma boutique religiosa.

O escritor Wade Clark Roof aponta que os ‘baby boomers’, aqueles nascidos entre o final da Segunda Guerra Mundial e o ano de 1964, “cresceram em uma cultura posterior aos anos sessenta que enfatiza a escolha, o conhecimento, a

auto-compreensão, a importância da autonomia pessoal e a busca para atingir todo seu potencial—tudo isso contribuiu para uma abordagem altamente subjetiva da religião” (*Uma Geração de Buscadores [A Generation of Seekers]*, 1993, pág. 30). Eles tendem a se afastar da religião estruturada. Eles estão menos predispostos a pertencer a uma igreja organizada e são menos propensos a considerar a Bíblia como uma verdade objetiva. Eles não têm certeza para onde devem ir para obter respostas às questões religiosas.

Inseguras quanto o que é a verdade ou se ela existe mesmo, essas pessoas tendem a buscar uma igreja *que atenda às suas preferências pessoais* em vez de um lugar onde se encontra a verdade bíblica objetiva. É mais importante para eles se *sentirem confortáveis* com sua igreja ou congregação do que participar de uma igreja cujos ensinamentos e práticas estão firmemente ancorados na Bíblia. As experiências em seus anos de formação, ou como jovens adultos têm contribuído para um sentimento de alienação das instituições da sociedade, incluindo as instituições religiosas.

Como partes da primeira geração da televisão, os baby boomers foram condicionados pelo o que Roof chama de “mentalização” da salvação. Seus pais obtiveram a maioria da visão do mundo através da leitura. Os boomers foram basicamente educados pelas imagens da televisão. “Em uma cultura impressa, foi dada prioridade ao objetivo, à utilização racional da mente, o que incentivou discursos religiosos com conteúdos logicamente ordenados. O debate doutrinário e a reflexão teológica floresceu sob estas condições . . . Mas em uma cultura de imagem o *subjetivo* tem precedência sobre o *objetivo*” (ibidem, pág. 135, grifo nosso).

O resultado? As gerações recentes têm tido uma atitude filosófica diferente em relação a Deus, às igrejas, à experiência religiosa e à Bíblia. Se a Bíblia é verdade ou não, isso não é muito importante para eles.

Esta visão é defendida por alguns profissionais também. “Não faltam estudiosos—entre historiadores, teólogos, filólogos e arqueólogos—que . . . chegaram à conclusão de que, fundamentalmente, é de secundária importância se os fatos relatados na Bíblia sejam verdadeiros ou não” (Werner Keller, *A Bíblia como História*, 1982, pág. 433).

Mas isso *importa*. O arqueólogo bíblico George Ernest Wright expressou a opinião de que “na fé bíblica tudo depende se os principais eventos realmente aconteceram ou não” (citado por Keller, pág. 434). Se os principais eventos da Bíblia não aconteceram, então como podemos acreditar em qualquer coisa que venha dela?

As histórias da vida dos patriarcas do Antigo Testamento são a base sobre a qual o registro histórico da Bíblia está fundamentado. Se o Deus que afirma ter inspirado a Bíblia nos deu uma coleção de mitos e lendas, então como poderíamos confiar em qualquer outra coisa que Ele diga?

De acordo com o Novo Testamento, os patriarcas e profetas das Escrituras Hebraicas eram pessoas reais. Vamos tomar Abraão como um exemplo. Ele está listado na ascendência de Jesus Cristo (Mateus 1:1). Em uma discussão

com os fariseus, Jesus se refere a Abraão como uma figura histórica real (João 8:56-58). Se Cristo estivesse enganado, então Ele não passaria de um homem e, além disso, muito desinformado. Nesse caso, Ele não poderia ser nosso Salvador, e nossa fé seria vã. Assim, a exatidão da Bíblia *faz muita diferença!*

Se Abraão não fosse uma figura histórica, milhões de judeus e árabes que dizem ser de sua linhagem mantêm tradições míticas e contos falsos sobre milênios de história. Jesus disse que Abraão se levantaria na ressurreição (Mateus 8:11). Negar a realidade histórica de Abraão é negar as palavras de Jesus Cristo, bem como os registros e as tradições que remontam de milhares de anos. A arqueologia fornece apoio ao registro bíblico quanto a isso, como vimos. Mas no fim, tudo se resume a uma questão de fé. cremos que a Bíblia é a verdadeira Palavra de Deus? cremos em Deus?

Deus encoraja a fé

Apesar das montanhas de evidências que possam ser acumuladas em favor da veracidade da Bíblia, o fato de acreditar com fé somente pode vir ao se desenvolver um relacionamento pessoal com Deus. (Para saber mais, baixe ou solicite nosso livro gratuito *Você Pode Ter uma Fé Viva*).

A dúvida e a descrença não são obstáculos intransponíveis. Até mesmo algumas pessoas que encontraram Jesus Cristo na carne tropeçaram algumas vezes. “Eu creio, Senhor! Ajuda a minha incredulidade” confessou um homem que lutou com a sua fé (Marcos 9:24). Jesus se compadeceu e ajudou ao homem perturbado, curando de seu filho (versículos 25-27).

Deus sabe como abordar uma humanidade que se esforça: “Pois ele conhece a nossa estrutura; lembra-se de que somos pó” (Salmos 103:14). Deus vai ajudar as pessoas que o buscam.

Uma forma de buscar a Deus é através do cuidadoso estudo da Bíblia. “Não foi por acaso que a Bíblia chegou até nós atravessando muitos séculos, com tanta exatidão e poder. Deus quis que vivêssemos nossas vidas por esse livro, e muitas pessoas se dedicaram à preservação de seu texto sagrado” (Paul Wegner, *A Jornada dos Textos até as Versões Traduzidas* [*The Journey From Texts to Translations*], 1999, pág. 24).

A investigação contínua e séria das Escrituras lhe proporcionará a fé que você precisa (Romanos 10:17). Você vai descobrir que sua fé aumentará. Você vai se surpreender com o que as Escrituras têm a dizer. A medida que você aprenda as verdades básicas desejará estudar mais e mais.

Você descobrirá que as Escrituras contêm as respostas para os imensos problemas que afligem a humanidade. Isso por si só vai alavancar sua fé em Deus. Você terá confiança de que Ele está cumprindo o Seu plano não apenas para o mundo, mas também em sua vida particular.

Aceitar a evidência de que a Bíblia é verdadeira e de que é um presente de seu Criador para você—Seu guia para uma vida abundante, produtiva e próspera (João 10:10) que Ele quer que você desfrute!

A Bíblia Contém Erros?

A Bíblia contém erros? Muitas vezes, a resposta depende da visão do observador. Para aqueles determinados a destruir a pouco a pouco as Escrituras, sim, ela contém erros e nenhuma resposta vai satisfazê-lo. Para outros, porém, um estudo cuidadoso e paciente normalmente resolve quaisquer problemas.

Como observou o escritor Josh McDowell ao explicar sobre a Bíblia: “É um erro para o crítico pressupor . . . que o que ainda não foi explicado nunca será explicado. Quando um cientista se depara com uma anomalia na natureza, ele não desiste de aprofundar-se na exploração científica. Ao contrário, ele usa o inexplicável como uma motivação para encontrar uma explicação . . .”.

“Da mesma forma, o estudioso cristão se aproxima da Bíblia com a mesma presunção de que o que está sem explicação não é, por isso, inexplicável. Ele ou ela não assume que as discrepâncias sejam contradições. E quando se depara com algo para o qual ele não tem explicação, simplesmente ele continua pesquisando e acreditando que um dia acabará encontrando essa explicação . . .”

“Como seu contraparte cientista, o estudante da Bíblia tem sido recompensado por sua fé e pesquisa. Muitas dificuldades, para as quais aqueles estudiosos não tinham respostas, foram explicadas pela incansável busca de respostas da história, da arqueologia, do estudo linguístico e por outras disciplinas. Por exemplo, os críticos, tinham proposto que Moisés não poderia ter escrito os cinco primeiros livros da Bíblia porque não havia escrita em seus dias. Agora sabemos que a escrita existia a uns mil anos ou mais antes de Moisés”.

Da mesma forma, os críticos acreditavam que a Bíblia estava errada ao falar do povo hitita, já que eles eram totalmente desconhecidos dos historiadores. Agora, os historiadores sabem de sua existência por meio de uma biblioteca hitita encontrada na Turquia. Isso nos dá confiança para acreditar que as dificuldades bíblicas ainda não explicadas têm uma explicação e não precisamos supor que existe um erro na Bíblia” (*A Nova Evidência que Exige um Veredito* [*The New Evidence That Demands a Verdict*], 1999, págs. 46-47).

Contradições nos Evangelhos?

Com exemplo de solução de supostas contradições, vamos considerar como os quatro Evangelhos registram as palavras que

Pôncio Pilatos, governador romano, ordenou ser colocadas acima da cabeça de Jesus na Sua crucificação.

Mateus 27:37 diz: “ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS”.

Marcos 15:26 diz, “O REI DOS JUDEUS”.

Lucas 23:38 diz: “ESTE É O REI DOS JUDEUS”.

João 19:19 declara: “JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS”.

À primeira vista, poderia parecer que nenhum dos autores copiou corretamente as palavras da placa. Mas, quando lemos cada relato, vemos que cada um acrescenta um pouco mais de informações ao resto. De João descobrimos que Pilatos escreveu a mensagem. De Lucas temos informações adicionais sobre o motivo dessas palavras serem diferentes: A inscrição original foi escrita em três idiomas, grego, latim e hebraico (Lucas 23:38).

Assim, a variação da mensagem logicamente é devida às três línguas utilizadas, bem como o ponto de vista diferente de cada biógrafo, sublinhando aspectos ligeiramente diferentes da vida e do ministério de Cristo. E juntando-se a mensagem dos diferentes relatos, vemos que a mensagem completa gravada nas placas era “Este é Jesus Nazareno, o rei dos judeus”.

Nenhum dos relatos do Evangelho se contradiz, pois eles se complementam para fornecer uma melhor compreensão. Uma ferramenta útil para estudar a vida e o ministério de Cristo é o livro *Harmonia dos Evangelhos* [A Harmony of the Gospels] por A.T. Robertson, que fornece os quatro relatos do Evangelho lado a lado, em ordem cronológica.

Outras aparentes contradições na Bíblia estão relacionadas com horas e datas. Um exemplo disso é fato de Israel ter usado um calendário civil e um sagrado. O ano civil começava no Outono com o mês de Tishri, enquanto o ano sagrado começava na primavera com o mês de Nisã ou Abibe. Quando dois escritores pareciam discordar quanto ao momento de um evento particular, a aparente discrepância poderia ser esclarecida ao determinar qual dos dois calendários que estão usando.

Em outra questão sobre o tempo, João 19:14, parece discordar de Mateus 27:45. João descreveu os eventos que ocorreram *antes* da crucificação e afirma que estes ocorreram perto da “hora sexta”. E Mateus está de acordo com Marcos 15:33 e Lucas 23:44 quando diz trevas cobriram a terra *depois* da crucificação da sexta para a nona hora. Existe realmente uma disparidade entre essas relatos?

Claro que não! A resposta está no fato de que o estado judeu estava então sob o controle romano e João usou o cômputo do tempo romano, que começava à meia-noite [que é a mesma maneira que contamos hoje]. A “hora sexta” na contagem de João era seis horas da manhã. Assim, os eventos que João descreveu aconteceram *antes* da crucificação.

Nenhum dos relatos do Evangelho se contradiz, pois eles se complementam para fornecer uma melhor compreensão. Uma ferramenta útil para estudar a vida e o ministério de Cristo é o livro Harmonia dos Evangelhos [A Harmony of the Gospels] por A.T. Robertson, que fornece os quatro relatos do Evangelho lado a lado, em ordem cronológica.

Por outro lado, o método judaico de cronometragem inicia-se a partir dessa hora [das seis] da manhã, contando-a como a primeira hora do dia. Assim, a sexta hora do dia de acordo com cálculos judaicos era o meio-dia. A crucificação ocorreu entre a sexta e nona hora do dia—de acordo com o método judaico de calcular as horas—isto é, entre o meio dia e as três horas da tarde, da maneira que contamos hoje.

Assim, os quatro relatos do Evangelho não se contradizem, em vez disso, eles se complementam.

As respostas podem não ser facilmente perceptíveis

E sobre outras passagens bíblicas que contêm aparentes disparidades? Alguns dessas são o resultado de traduções falhas; algumas traduções da Bíblia são simplesmente mais precisas do que outras na tradução de certos versículos. Com outras passagens as dificuldades podem ser ainda maiores.

Em todo caso, não se deve ficar alarmado com o que parecem ser erros na Bíblia. Há respostas e soluções para essas passagens que

podem não ser facilmente perceptíveis. Como observou o erudito bíblico Gleason Archer:

“Como eu tenho lidado com uma após outras aparentes discrepâncias e tenho estudado essas supostas contradições entre o relato bíblico e as provas da linguística, da arqueologia, ou da ciência, a minha confiança na fidelidade das Escrituras tem sido repetidamente confirmada e reforçada pela descoberta de que quase todos os problemas nas Escrituras que já foram descobertos pelo homem, desde os tempos antigos até agora, têm sido resolvido de uma maneira totalmente satisfatória pelo próprio texto bíblico, ou então pela informação arqueológica objetiva . . .”

Quando lemos a Bíblia, vamos ter certeza de que estamos realmente lendo um livro que é inspirado por Deus e contém o total respaldo do Deus Eterno, que deseja nos dar a salvação que o livro nos promete.

“Há uma boa e suficiente resposta na própria Escritura para refutar todas as acusações que já foram levantadas contra ela. Mas isto é de se esperar ao se considerar o tipo de livro a Bíblia afirma ser, a escrituração da infalível e inerrante Palavra do Deus vivo” (*Enciclopédia de Dificuldades da Bíblia [Encyclopedia of Bible Difficulties]*, 1982, pág. 12).

A Bíblia é a Palavra de Deus, e podemos confiar nela como o Livro que ilumina o caminho para a salvação. Ela é confiável. O apóstolo Paulo escreveu que “toda a Escritura é inspirada por Deus” (2 Timóteo 3:16). Jesus disse que “a Escritura não pode falhar” (João 10:35, ARA).

Esta é uma promessa de Jesus Cristo sobre a qual podemos contar e em que podemos colocar nossa total confiança. Assim, quando lemos a Bíblia, vamos ter certeza de que estamos realmente lendo um livro que é inspirado por Deus e contém o total respaldo do Deus Eterno, que deseja nos dar a salvação que o livro nos promete.

Um pouco de pesquisa, com comentários e outras versões da Bíblia geralmente ajuda a resolver as dificuldades da Bíblia.

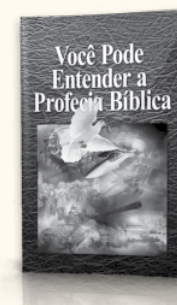
Qual o Motivo da Profecia? Podemos Acreditar na Profecia Bíblica?

A profecia é parte essencial da Bíblia, a revelação inspirada de Deus à humanidade. Através dela Deus revela quem Ele é, o Seu plano para a humanidade e o motivo pelo qual estamos aqui.

A profecia bíblica é fundamentada por uma estrutura de princípios e assuntos específicos. E conhecê-los é a chave para desvelar a devida compreensão da profecia bíblica.

O que acontecerá daqui até ao milénio, quando Jesus Cristo reinará por mil anos sobre a humanidade?

Para saber mais sobre a Profecia Bíblica, peça ou baixe nosso livro gratuito:
“Você Pode Entender a Profecia Bíblica”



<http://portugues.ucg.org>

ENDEREÇOS POSTAIS

Estados Unidos da América:

(Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)
Igreja de Deus Unida
P O Box 541027
Cincinnati, OH, 45254-1027
Telefone: +1 (513) 576 9796

Inglaterra:

United Church of God
P O Box 705
Watford,
Herts WD19 6FZ
Telefone: +44 (0)20-8386-8467

Brasil:

Igreja de Deus Unida
Caixa Postal 2027
Uberlândia – MG,
CEP 38400-983
Telefone: +1 (513) 576 9796

Internet:

<http://portugues.ucg.org>
www.ucg.org
<http://www.ucg.org/beyond-today>

e-mail: info@ucg.org

Autor: Noel Horner

Contributing writers: Scott Ashley, Tom Robinson

Revisores editoriais: Roger Foster,
Paul Kieffer, Burk McNair, John Ross Schroeder,
Mario Seiglie, Donald Ward

Design: Shaun Venish, Michelle Vautour

Tradutores: Giovane Macedo

Revisor da tradução: Jorge Manuel de Campos

Se deseja saber mais....

Quem somos: Esta literatura é distribuída gratuitamente pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, que tem ministros e congregações em muitas partes do mundo.

Nós encontramos as nossas raízes na Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa incumbência é a de proclamar o evangelho do vindouro Reino de Deus por todo o mundo, como uma testemunha, e de ensinar todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Para saber mais acerca de Igreja de Deus Unida, visite o nosso site português. [ucg.org](http://portugues.ucg.org) e ponha o seu 'mouse' na aba 'sobre' or use diretamente este link: <http://portugues.ucg.org/esta-e-a-igreja-de-deus-unida>. Também pode ler o nosso guia de estudo Bíblico sobre a Igreja de Deus Unida neste link: <http://portugues.ucg.org/estudos/esta-e-a-igreja-de-deus-unida> e o guia acerca da Igreja que Jesus edificou: <http://portugues.ucg.org/estudos/a-igreja-que-jesus-edificou>.

Gratuito: Jesus Cristo disse: “de graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:8). A Igreja de Deus Unida oferece esta e outras publicações gratuitamente, como um serviço educacional no interesse público. Nós os convidamos a pedir a sua subscrição gratuita da revista A Boa Nova e a inscrever-se no nosso Curso de Ensino Bíblico, de 12 lições, também livre de custos.

Estamos agradecidos pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja, e doutros colaboradores, que voluntariamente contribuem para o suporte desta obra. Não solicitamos fundos do público em geral. No entanto, aceitamos de bom grado contribuições em ajuda a compartilharmos esta mensagem de esperança com outros.

Se desejar, de livre vontade dar um dízimo ou fazer um donativo no Brasil, para ajudar esta Obra de Deus, os nossos detalhes bancários são:

Caixa Econômica Federal, Igreja de Deus Unida, Brasil
Conta Poupança 7648-8
Operação 013, Agência 3540

Conselho pessoal disponível: Jesus ordenou os seus seguidores para apascentar as Suas ovelhas (João 21:15-17). Para ajudar a cumprir esta instrução, a Igreja de Deus Unida tem congregações à volta do mundo. Nelas os crentes reúnem-se para serem instruídos segundo as Escrituras e para confraternizarem.

A Igreja de Deus Unida empenha-se em entender e praticar o Cristianismo do Novo Testamento. Desejamos compartilhar o estilo de vida de Deus com os que ardentemente buscam adorar e seguir o nosso Salvador, Jesus Cristo. Os nossos ministros estão disponíveis para aconselhar, responder a questões e explicar a Bíblia. Se desejar contactar um ministro, ou visitar uma das nossas congregações, queira sentir-se à vontade para contactar o nosso escritório mais próximo de si.

Informação adicional: Se desejar corresponder connosco em Português, por favor envie-nos um e-mail para info@ucg.org ou use a aba de contato do nosso site <http://portugues.ucg.org>. Também nos pode escrever para um dos endereços atrás em lista. Teremos prazer em responder às suas perguntas.